

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, O CORPO E OS AFECTOS VIVIDOS NUMA
SALA DE CRECHE COM CRIANÇAS DOS 8 AOS 18 MESES DE IDADE**

Cristina Oliveira Duarte

**Relatório Final realizado no âmbito da Área
Científica da Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar**

Novembro de 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, O CORPO E OS AFECTOS VIVIDOS NUMA
SALA DE CRECHE COM CRIANÇAS DOS 8 AOS 18 MESES DE IDADE**

Cristina Oliveira Duarte

**Relatório Final realizado no âmbito da Área
Científica da Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Orientadora: Mestre Maria Celeste Ribeiro**

Novembro de 2015

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam no poder das relações e como podem ser galvanizadoras de bem-aventuranças.

Agradecimentos

Este percurso foi recheado de momentos especiais e difíceis mas culmina com um enorme agradecimento às pessoas que directa ou indirectamente contribuíram para o finalizar deste percurso.

Mãe, obrigado, pelo apoio e amor incondicional. Pai, obrigado. Samira, obrigada pela tua amizade incondicional e por fazeres-me rir, mesmo sem vontade. Jaque, obrigada pela tua amizade incondicional e pela tua atitude sempre perspicaz e atenta. Raque, obrigada pela tua amizade incondicional e pelo exemplo que és enquanto pessoa que é exigente no acto de amar o outro, demonstrado em sucessivos gestos.

Um muito Obrigada à Professora Celeste pela ajuda e orientação e ao Sr.Luis um obrigado. Obrigada ao tio Don e à tia Odile, por acreditarem em mim e pelas palavras de incentivo. Obrigada à Andreia e família, à Cristiana e à Lúcia que sem sombra de dúvida são pessoas que levo eternamente comigo.

Obrigada à Beta pelo apoio e constantes incentivos durante esta gratificante mas difícil jornada que foi o curso. Obrigada à Laurieta pelo constante incentivo. Obrigada à Sónia pelo apoio e pelas inúmeras chamadas de atenção que motivaram-me a não desistir do meu propósito.

Obrigada às colegas de trabalho.

Obrigada à instituição OSZ onde trabalho à seis anos.

Obrigada a todas as mães e pais que durante este percurso incentivaram-me a terminá-lo; Obrigado à Mãe Cristina pelas explicações e incentivo, ao Pai Victor pela disponibilidade (tradução para inglês).Obrigada às crianças que sem elas nada disto seria possível.

Obrigada ao pessoal da Starbucks.

E por fim um enorme obrigado a Deus...

And then, I realized what you do with an idea...

You change the world.

(Yamada, 2013)

Resumo

A organização espacial em contexto de creche, alia-se ao corpo e aos afectos, que impulsionam o saber, visto que são aspectos que ajudam a sedimentar as vivências transformando-as em conhecimento. Este conjunto é algo que não se separa, visto que, eu conheço o espaço através do corpo, mas só conseguirei explorá-lo se tiver um apoio emocional/afectivo que assegure confiança para me aventurar por entre o espaço, com o apoio de objectos significativos. O presente trabalho sedimentou-se numa sala de creche com crianças dos 8 aos 18 meses. O estudo decorreu através de uma observação participante tendo como método de recolha as notas de campo que auxiliaram o espontâneo e as actividades planeadas que se edificaram através de uma intenção. Conclui-se que o acto de refletir e de intervir são cruciais para uma acção pedagógica mais coerente e focalizada para o que é essencial.

Palavras-chave: creche, organização espacial, afectos e o corpo

Abstrat

The spatial organization in day care context, joins the body and affections that drive knowledge, as are aspects that help to settle the experiences transforming them into knowledge. This union is something that can't be separated, since I am familiar of my space through my body, and this could only be exploited if you have an emotional / affective support that ensures confidence to venture through space with the support of significant objects. This work was desenvolved in a nursery room with children between 8 to 18 months. The study was held through a pro-active observation and keeping an extensive journal of the events which helped the spontaneous and planned activities which where reflected through an intention.

We conclude that the act to intervene and reflect are crucial for a more coherent pedagogical action and focused on what is essential.

Keywords: Nursery, spatial organization, body, affections

Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento teórico metodológico do estudo.....	4
2.1. Objecto de estudo.....	4
2.2 Revisão da literatura.....	6
2.2.1 Estádio Sensório-Motor.....	7
2.2.2 Conhecimento físico / lógico-matemático.....	9
2.2.3 Organização espacial: O corpo, os afectos e a matemática.....	10
2.2.4 A importância de promover a organização espacial em contexto de creche.....	12
2.2.5 O papel das rotinas.....	13
2.2.6 Um olhar sobre os documentos orientadores da prática.....	14
2.3 Metodologia.....	15
3. Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente.....	17
3.1 Enquadramento organizacional.....	17
3.2 Interligação entre práticas correntes e o objecto de estudo.....	20
4. A prática de ensino supervisionada na instituição.....	23
5. Considerações finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	39
Anexos.....	40
Anexo 1 - Actividades planeadas.....	41
Anexo 2 - Notas de campo.....	60

1.Introdução

O presente trabalho tem como intuito apresentar um tema de investigação por parte do estagiário durante o seu tempo de prática, privilegiando o contacto directo com as crianças, fonte principal da investigação e com meio envolvente. Eu efectuei a minha prática em Lisboa numa Instituição Particular de Solidariedade Social de cariz religioso, na valência de creche numa sala de berçário. Este estágio visa oferecer ao estagiário tempos que irão favorecer e sedimentar cinco intenções: observar, planear, reformular, avaliar e agir, que procuraram promover o meu desenvolvimento pessoal e profissional, visto que, segundo Parente(2012)“realizar observações significativas e escutar as crianças torna possível aos adultos conhecerem e aprenderem mais sobre cada criança e assegura que estão bem colocados para planear” (p.6) , com efeito, uma observação estruturada encaminha-nos para um bom planeamento, que certifica um envolvimento por parte da equipa técnica nas vivências diárias, o que pressupõe uma maior exigência na acção, trazendo consigo o olhar da reformulação que vem provar a reflexão feita sobre a acção. Chega ainda, a altura de avaliar, permitindo não só refletir e concluir, mas também, abrir hipóteses de melhoria trazendo novas perspectivas para o dia-a-dia. Esta dinâmica estrutura-se no agir, fonte emergente no homem, que contudo, carece ser estimulada.

Toda a acção tem uma intenção ou finalidade e este estágio não foge disso, pois visa, provocar no agente uma maior consciência e sentido sobre a prática, encaminhando-o a ser mais e melhor para as crianças. Este estágio teve como finalidades:

1. Integrar – me no sistema educativo;
2. Desenvolver competências profissionais no contexto onde exerci a Prática;

3. Definir e consolidar a intencionalidade pedagógica avaliando o processo em campo;
4. Fundamentar e avaliar a acção educativa.

Os objetivos que precedem à prática estão inseridos nas áreas de aprendizagem, sendo os seguintes: Relações interpessoais – desenvolver a relação com os agentes educativos no contexto institucional, desenvolver relação com as crianças/alunos; Intervenção pedagógica – desenvolver capacidades de intervenção pedagógica; Reflexão e registo: desenvolver capacidade de registo e reflexão da acção educativa.

Posto em prática, todo este processo educativo emergiu do contacto directo com as crianças, na necessidade de fomentar de forma informal o contacto com uma realidade tão presente no dia-a-dia da criança: a organização espacial em contexto de creche, e de como isso pode incentivar a criança a aventurar-se querendo descobrir, descobrindo-se cada vez melhor. Ao reconhecer um determinado espaço com determinados objectos e determinadas pessoas de segurança surge, na criança a capacidade de explorar e criar novas situações sobre o que já foi vivido num espaço significativo. Esta capacidade de experimentar e explorar o que a rodeia faz com que ela, a criança, crie através das suas vivências um sentido lógico sobre o vivido dando-lhe sentido, construindo assim, base de futuras aprendizagens.

Este trabalho encontra-se dividido em capítulos a seguir discriminados:

2- Enquadramento teórico empírico;

Neste capítulo, aborda-se o objecto de estudo, formulam-se as questões de investigação e salienta-se autores de referência sobre o assunto.

3- Caracterização do contexto institucional comunidade envolvente

Neste capítulo, apresenta-se a instituição onde se exerceu a prática referindo-se aqui aspectos organizacionais tais como: valores, Projecto educativo, formas de actuação. A

partir daqui, expõem-se as práticas correntes, com principal destaque, na sala onde decorreu a prática de estágio interligando-a com o objecto de estudo.

4 – Prática do ensino supervisionada na Instituição

Neste capítulo, contextualiza-se e analisa-se as notas de campo e as actividades planeadas com a principal finalidade de formar uma ferramenta útil na consolidação do que foi vivenciado, demonstrando a necessidade de pensar sobre as experiências e procurando caminho para dar resposta às questões formuladas.

5 – Considerações finais

Dá-se resposta às questões e reflecte-se o vivido, capacitando-nos para o surgimento de novos estudos.

2. Enquadramento teórico metodológico do estudo

2.1. Objecto de estudo

Actualmente, a primeira infância já não é vista como algo que passa só por atender os cuidados básicos; constata-se que, cada vez mais com a investigação sobre a prática é nestas idades que se começam a construir os alicerces para uma vida futura. É com base nesse pensamento que necessitamos de olhar para a criança como um todo: criança-meio-contexto familiar. Sabe-se também, que a mesma, só se desenvolve através do contacto com estas diferentes realidades que, posteriormente, irão ajudar a formar o seu Eu.

O trabalho com as crianças, leva-nos a estar em constante reflexão, porque a imprevisibilidade que delas desponta exige que estejamos sempre atentos aos seus sinais, viabilizando para nós, adultos, caminhos de actuação e também de estudo. Durante o meu tempo de prática várias foram as situações susceptíveis de investigação.

A minha escolha remeteu para a organização espacial em contexto de creche, mais especificamente, com crianças com idades compreendidas entre os 8 e 18 meses. Este tema, surgiu das dúvidas que dela advêm enquanto temática pouco explorada emergindo a possibilidade de brincarmos com a matemática, desde pequenos, através de momentos significativos. Indubitavelmente, o corpo e os afectos, em consonância com a matemática são fontes de aprendizagem e adquirem uma relevância maior quando nos remetemos para esta faixa etária caracterizada, segundo, Piaget pelo estágio sensório-motor.

A ideia não é aprender categoricamente termos técnicos sobre a matemática, nem tão pouco, falar-lhes sobre ela, é sim, envolvê-los brincando, experimentando e vivenciando, também, através das suas rotinas. Consequentemente, aprendendo a dar

forma e significado às descobertas, abre-se assim, a possibilidade de construir pontes que permitirão traçar outros percursos.

A primeira infância oferece-nos assim, vários focos de estudo, pontos de interesse para uma reflexão mais aprofundada e a organização espacial é um desses aspectos a ter em conta por parte do educador/a, visto que, ela se inicia dentro da barriga da mãe onde o espaço é limitado. Instintivamente, é aí, que começa a gerir o espaço que tem, ligado através do cordão umbilical, que por sua vez é cortado à nascença ocorrendo uma separação que se prolonga para o resto da vida. Resolver e integrar esta mudança na vida de um recém-nascido e, posteriormente, numa criança pequena, não é tarefa fácil.

Encontramos então, dentro daquela temática, um aspecto fundamental, pois a segurança está conquistada quando explorando o que nos rodeia, organizamo-nos no espaço, conquistamos o nosso lugar. Esta é uma das bases cruciais na primeira infância para futuras descobertas. Assim sendo, é importante que tudo o que seja apresentado às crianças, seja com base em algo que seja significativo ou algo que se transforme em significativo. Isto torna-se possível quando existe uma ligação afectiva com o grupo, porque quando apresentamos actividades às crianças, temos que ter a consciência que, a nossa atitude irá influenciar a forma como irão assimilá-la dentro de si, tendo sempre o propósito que eles aprendem com os sentidos e através dos afectos .

Este tema enquadra-se dentro de uma intervenção pedagógica não só pelas fichas de avaliação de diagnóstico, estipuladas pela segurança social, mas também pela, necessidade de as crianças, desde cedo, terem a noção do espaço e de que forma o devem torná-lo seu. Esta não é uma necessidade precoce, é sim, um direito que deve ser conquistado desde de pequenino.

Durante o processo de aprendizagem, a criança, depara-se ao longo do seu percurso com motivações, dúvidas e dificuldades, onde cabe ao educador/a intervir de forma pedagógica em relação ao que suscita interesse ou incerteza.

Focado neste objecto de estudo procurei balizá-lo definindo as seguintes questões de investigação:

1. Como é que o educador pode “agarrar” nas brincadeiras livres da criança para a ajudar a organizar-se espacialmente?
2. Que papel pode desempenhar o adulto na descoberta do espaço pela criança de 8 a 18 meses?

Estas questões surgiram através da uma observação corrente, activa e reflexiva sobre o tema em questão. Percorrer um percurso sem levantar questões é impossível, é como permanecer sempre no mesmo lugar. E esse não é o nosso objectivo, é sim, traçar caminhos que nos levam a questionar sobre o vivido, tornando-nos activos e atentos às respostas que dele desponta, focalizando as nossas indagações, consoante o contexto, o grupo alvo, as relações e o ambiente.

2.2. Revisão da literatura

Quando se assume elaborar, uma revisão da literatura de um determinado tema em estudo, somos obrigados a adoptar uma postura de compromisso com aquilo que nos é oferecido pelo autor. E é a partir desta conjugação do que é vivido pelo indagador com aquilo que autores expõem sobre um determinado tema, que surgem algumas respostas sobre as experiências realizadas dentro do que foi o seu campo de análise, viabilizando as suas questões.

2.2.1. Estádio Sensório-Motor

Estádio sensório-motor, é distinguido por uma inteligência prática que nos leva a compreendê-la como sendo resultante da acção exercida pela criança sobre o que a envolve.

Para Piaget, segundo, Fonseca (2005) é através da experiência como acção e portanto como motricidade, que o individuo simultaneamente integra e incorpora o mundo exterior e o vai transformando. Consequentemente por aqui entramos por dois processos distintos que nos ajudarão a compreender a forma como a criança estabelece as suas escolhas. Fonseca (2005) diz-nos que no primeiro caso opera-se a assimilação do mundo exterior, e no segundo plano a acomodação ao mundo exterior, isto é em síntese o individuo ao transformar o mundo exterior, transforma o seu mundo interior, transformando-se em si próprio.

Piaget divide este Estádio Sensório motor em 6 subestádios permitindo-nos ter uma visão da progressão do desenvolvimento da criança de uma forma mais concisa e objectiva, visto que, existe uma evolução rápida de mês para mês.

No primeiro subestadio que se dirige para crianças dos 0 ao 1º mês a resposta é reflexa em relação ao estímulo, sendo que, progressivamente adquire através da experiência uma maior coordenação. No segundo do 1º aos 4 meses surgem as reacções circulares primárias que vem trazer a capacidade de adaptação ao que foi aprendido através dos reflexos e estímulos assimilados pelo bebé, pois este, centra a sua actividade no seu corpo. No terceiro dos 4 aos 8 meses o bebé começa a ter uma outra relação com os objectos tendo sobre eles uma acção repetida, conhecendo-os através dos seus sentidos, levando-os para a boca como forma de conhecer o mundo. A partir daqui, nomeamos este subestadio como tendo a característica de ter reacções circulares secundárias vindo revelar mais um avanço no desenvolvimento, pois o bebé demonstra um maior interesse

sobre o objecto explorando-o tentando perceber as suas características através dos seus sentidos e da acção que dele provem. No quarto subestadio dos 8 aos 12 meses surge a coordenação meios-fins o que vem revelar o começo de um comportamento deliberado através das rotinas diárias e actividades e em que vamos percebendo, com maior facilidade, este índice revelador de uma comunicação com o mundo. No quinto subestadio dos 12 aos 18 meses surgem as reacções circulares terciárias, entendidas por experimentar de forma repetida através de novos objectos experiências vividas com outros objectos, tentando perceber as suas diferenças e provocando uma intenção no gesto com o propósito de integrar cada vez mais em si o conhecimento transmitido, que provem do exterior. E por fim no sexto subestadio que vem culminar com uma actividade simbólica crescente manifestando-se cada vez mais na linguagem, nas brincadeiras e gestos. Com isso começam a antecipar as acções.

Para Piaget segundo Sprinthall e Sprinthall (1993) a actividade cognitiva nesta faixa etária é apreendida através do corpo de todos os sentidos que nomeou o primeiro estadio de desenvolvimento por *sensório motor* elucidando-nos que “*sensório* refere-se ao modo como os bebés e as crianças mais novas recolhem informação sobre o mundo através dos seus sentidos; *motor* refere-se ao modo como aprendem através da acção física.” (Post e Hohman 2011, p.23) Este propósito abre a possibilidade que a organização espacial, dentro do que a caracteriza, possa ser trabalhada pelas crianças desde muito cedo, através do contacto directo com diferentes espaços, objectos e pessoas, usando todo o seu corpo e os seus sentidos. Esta interiorização acontece através da exploração que é vivenciada pela criança abrindo caminho para a construção de uma compreensão do mundo que a envolve.

2.2.2. Conhecimento físico / lógico-matemático

Quando falamos destes dois aspectos não podemos deixar de os associar, apesar de terem conceitos distintos: uma leva a que outro se desenvolva pois é através de tentativa e erro, na manipulação do mundo físico, que organizamos o nosso pensamento lógico-matemático, e é por meio desta sincronia que a criança cria em si a capacidade de se organizar no espaço. Para Kamii (2003) organização dos conhecimentos anteriores e esta rede de relações que a criança cria constantemente entre os objectos constituem o seu quadro lógico-matemático.

Esta capacidade crescente é alimentada pela vontade exploratória da criança em conhecer o que a rodeia, porque quanto mais absorve, mais segurança tem em seguir com a sua busca, superando-se. Esta sede de conhecimento tem que ser sustentada por adultos de referência que apoiem a criança nas suas conquistas e retrocessos.

Durante o período sensório motor o interesse da criança está orientado para os aspetos físicos da sua acção. Um bebé constrói os objectos e aprende o que lhe acontece quando empurra, os puxa, os agita e a deixa cair.

Kamii (2003)

Estas conquistas são sustentadas por meio da acção exercida sobre os objectos onde o corpo é o suporte desta estrutura que viabiliza a criança a explorar o mundo. Kamii (2003) diz – nos que se nós deixarmos o conhecimento lógico matemático desenvolver-se só, ou se nós encorajarmos a criança a ser curiosa acerca daquilo que a rodeia e despertando a sua atenção, ela desenvolver-se-á sempre numa só direcção, quer dizer em direcção a uma maior coerência. Esta ideia pressupõe que o despertar para o mundo exterior, nasce da percepção do corpo através da acção com o apoio do objecto fazendo com que se estabeleça uma harmonia estruturada com base num equilíbrio emocional entre criança/adulto.

2.2.3. Organização espacial: o corpo, os afectos e a matemática

A organização espacial entende-se por conseguirmos posicionarmo-nos em diferentes posições e perspectivas em relação ao mundo que nos rodeia, favorecendo-nos na manipulação dos objectos e na própria interação com que nos envolve conseguindo encontrar um equilíbrio entre aquilo que é igual, semelhante ou diferente.

É a partir da consciência da sua posição e deslocação no espaço, bem como da relação e manipulação de objectos que ocupam um espaço, que a criança pode aprender o que está longe e perto, dentro, fora e entre, aberto, fechado, em cima, em baixo.

Silva (1997, p.73)

Este princípio vem revelar-nos que a matemática está ligada intrinsecamente ao nosso quotidiano sendo impossível dissociá-la do nosso dia-a-dia. Daí a necessidade de criarmos relações entre criança, adulto, objecto e espaço onde permita estabelecer ligações. “As crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia-a-dia” (Silva 1997, p.73).

Por sua vez, isto só acontece porque o corpo é um meio de ligação com o mundo e a necessidade de compreendê-lo leva-nos a outras áreas corroborando com a ideia, que, “Nada se encontra separado de nada, e o que não fores capaz de compreender no teu corpo não o compreenderás em mais parte alguma”(Berge,1986 p.11) e aqui entendemos que nos primeiros anos de vida da criança seja fundamental criar estratégias onde ela possa explorar o que lhe rodeia apoiando-se nos seus sentidos, viabilizando assim, a criação de fontes de aprendizagem.

“O corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem”. Silva (1997, p.58)

A ligação do corpo com a aprendizagem está intrinsecamente vinculada o que liberta a ideia que a vida nasce com o propósito de auto descoberta constante. Esta base leva-nos a nós, educadores, a ser fomentadores de brincadeira, de exploração, de curiosidade e de afectos desencadeando diferentes processos de aprendizagem e desenvolvimento. “É situando o seu próprio corpo que a criança apreende as relações no espaço relacionadas com a matemática”. Silva (1997, p.58)

Esta relação entre o corpo e o espaço acontece por via da experimentação, do contacto directo, da exploração que se traduz em uma única palavra o brincar, reproduzindo inconscientemente noções matemáticas.

O corpo constitui-se em ponto de partida de toda noção de espaço e tempo. E isto é só possível de acontecer com base na segurança, esta emerge, através dos afectos, ponto fulcral para o desenvolvimento. Santos (2007) afectos e cognição são inseparáveis. São compreender e sentir. Ao olharmos para este aspecto deparamo-nos com o essencial, associar afectividade com aprendizagem o que pressupõem que a evolução humana passa pela capacidade de conjugá-los de forma a ter meios de ligação entre o Eu e o mundo.

Desde que nasce a criança explora o espaço próximo, põe-se em contacto com as coisas, brinca com elas, aproxima-se, muda-lhes a posição. (Carvajal e Rabanal,1993,p.1056)

O contacto com o espaço e os objectos viabiliza a criança a estabelecer ligações e hipótese, a construir interiormente pontes que interligam as suas vivências com o mundo exterior. Iniciando um processo de conhecimento de si e do que a rodeia. É a partir dessas interligações que a criança começa a manipular os objectos de forma a encontrar outras funções e formas de exploração de um objecto.

2.2.4. A importância de promover a organização espacial em contexto de creche.

Para Santos (2009) a aprendizagem da matemática e da geometria tem um importante papel na formação do Eu da criança (p.264). Ao pensarmos nos inúmeros conflitos que a criança atravessa para conseguir organizar-se neste mundo, apercebemo-nos que a matemática é fundamental, visto que, ela tem uma função organizativa ajudando a interpretar o espaço que nos rodeia.

Nas actividades diárias de aprendizagem activa, bebés e crianças mais novas ganham consciência corporal directa do espaço. Os bebés apropriam-se imediatamente do espaço à sua volta. Com crescente actividade e mobilidade começam a expandir o seu sentido de espaço à medida que aprendem a “navegar” sozinhos de um local interessante para outro.

Post e Hohmann (2000 p.49)

É fundamental criar acessos para o exterior porque quando se intui sobre o que nos rodeia nascem formas de agir sobre um espaço. Promover esta organização é responsabilizarmo-nos pelo surgimento de lugares significativos, unindo-se ao interior de cada um transformando-se numa unidade relacional, viabilizando-se assim a capacidade de se poder aventurar por outros espaços que não o seu.

Não se pode descurar o investimento em ambientes sustentados por parte dos adultos, pois eles tornar-se-ão meios facilitadores de aprendizagem.

Um ambiente bem organizado onde os objectos estimulantes estão acessíveis e onde há uma variedade de escolhas e desafios visuais, tácteis e motores que chamam a atenção das crianças, encoraja a curiosidade, a exploração e permite que cada criança estabeleça uma relação como o mundo ao seu ritmo.

(Portugal, 2010)

Acredita-se que a organização espacial acontece com uma harmoniosa conjugação entre o ambiente físico e o ambiente afectivo.

2.2.5. O papel das rotinas

A rotina é um aspecto a ter em conta pois é construtora de hábitos que nos ajudam a situar no espaço mas não só; também no tempo.

O dia de um bebé organiza-se em torno de experiências de cuidados diários (muda de fraldas, vestir, comer, dormir). Os cuidados de rotina são momentos importantes oferecendo oportunidades únicas para interações didáticas, e para aprendizagens visuais e tácteis. Quando as rotinas são agradáveis, as crianças aprendem que as suas necessidades e os seus corpos são importantes.

(Portugal, 2010)

Portugal (2010) traz-nos uma visão muito clara sobre esta vertente tão presente e essencial naquilo que é a vivência diária em creche, fazendo-nos ver que uma das melhores vias para chegar ao conhecimento de uma criança é através dos diversos momentos que a rotina proporciona, globalizando o nosso campo de acção, pois as rotinas não podem ser vistas como delimitadoras, mas como forma de expandir o conhecimento, não só para a crianças mas também para o cuidador. Por conseguinte, ao valorizarmos as rotinas, estamos a convertê-las ao âmbito educacional, numa faixa etária onde a repetição é uma forma de incrementar significativamente experiências e segurança.

As rotinas são, assim, elos de ligação com o mundo reproduzindo a necessidade de conquistar segurança; o mundo é imprevisível, daí a urgência de termos algo que nos assegure alguma estabilidade neste mundo tão inconstante.

Trabalhar as rotinas é também valorizar o nosso Eu pois a forma como utilizo o meu corpo, reverterá para o meu maior bem-estar. Por isso é fundamental considerar as rotinas promotoras de conhecimento.

A organização espacial é um caminho que se percorre entre aquilo que é significativo e físico, sendo as rotinas um auxílio para a vinculação de termos e formas

que se conjugam com o corpo. Esta entreajuda faz acontecer a valorização e a consciencialização que sou importante. E que tenho um papel a desempenhar com a ajuda do meu corpo.

2.2.6. Um olhar sobre os documentos orientadores da prática

Trabalhar de forma qualitativamente superior em creche, junto de crianças muito pequenas requer conhecimentos específicos e competências e uma planificação apropriada, sustentada no conhecimento do desenvolvimento nos primeiros anos de vida e envolvendo muita flexibilidade para responder às necessidades de cada criança e família.

(Portugal, 2010)

Na legislação corrente as instituições encontram-se integradas num processo de gestão de qualidade que visa oferecer às famílias um melhor atendimento, escutando-as. É através, mas não só, de entrevistas que conseguimos perceber as reais necessidades e expectativas em relação ao desenvolvimento dos seus filhos. Tendo isto em mão, é elaborado um processo: um plano de desenvolvimento individual de cada criança. Este é orientado através de uma ficha de avaliação de diagnóstico os pais preenchem traçando um perfil comportamental desejável da criança durante a sua faixa etária, o que irá permitir ao educador/a focalizar-se, mas não só, naquilo em que os pais entendem que os seus filhos necessitam de ser incentivados a conquistar. Estas fichas são compostas por inúmeros temas a serem trabalhados, observados e explorados, a matemática é um deles.

Ao enquadrarmos este processo com o tema problema investigado somos confrontados com a sua abordagem dentro do tema da matemática nas idades dos 8 até aos 17 (meses) através de um comportamento observável de explorar as relações espaciais. Com efeito esta temática ganha espaço nas conquistas diárias coabitando com a ideia que é algo a ser conquistado e necessário para o desenvolvimento da criança.

2.3. Metodologia

Segundo Pereira (2013) toda a investigação é um processo que tem por fim gerar conhecimento. Esta premissa elucidou-nos sobre uma ideia fulcral, surgindo como um sedimentar de bases para um crescimento pessoal e profissional. O processo de investigação gera assim um ciclo aberto influenciando não só, a quem se destina mas também a quem o envolve, permitindo interações que germinarão outras questões. Por conseguinte a investigação acontece com o intuito de abrir o nosso campo de visão sobre a nossa prática.

Este estudo adoptou uma metodologia de cariz qualitativo tendo como técnica de recolha de dados a observação participante.

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. (Bogdan e Biklen 1994 p.48.).

A investigação qualitativa veio trazer para o mundo da investigação uma visão humana e real sobre aquilo que é vivido e sentido. E de que forma? Pode ser feito nomeadamente através de uma observação participante que nos leva a viver e a vivenciar permitindo-nos mergulhar de uma forma diferente sobre a experiência trazendo até nós uma consciência mais próxima. Segundo Bogdan e Biklen (1994) para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado. Aqui o aspecto contextual/cultural não pode ser dissociado da vertente humana. Estes são factores relevantes para uma compreensão mais assertiva do que está a ser investigado. A forma que encontramos para descrever as situações, têm que transmitir ao leitor a sensação do vivido, porque só assim, conseguimos passar uma ideia, pois a forma com chegamos aos outros determina a difusão do conhecimento.

Os dados recolhidos através de uma observação participante podem ser registadas através de notas de campo. Segundo Bogdan e Biklen (1994) uma nota de campo é o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo. (p.150). Este método de recolha permite descrever e observar acontecimentos espontâneos, sendo estes fulcrais para entender de que forma as crianças se movimentam no espaço, agem no espaço, interagem com os pares e adultos significativos pois um acto voluntário é sem dúvida o declarar da confiança em si e nos outros, revertendo para um conhecimento adquirido do que a rodeia. O relato e a análise das experiências vivenciadas são a imagem do que a espontaneidade nos oferece capacitando-nos para um olhar atento e reflexivo e indagador sobre o que é essencial, provocando a necessidade de olhar com uma maior, exigência, sobre o dia-a-dia.

A análise documental é outra forma de registo de dados recolhidos. Este aspecto oferece outra visão sobre o vivido, pois é com base em actividades planeadas, fazendo com que a sua análise tenha um ponto de partida através dos objectivos pré estabelecidos durante o seu planeamento.

3. Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente

3.1. Enquadramento organizacional

A instituição onde fiz o estágio é de natureza associativa, prosseguindo desde o seu início, com fins sociais, humanos e espirituais, actualmente é uma IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social. A obra é de âmbito nacional e está implantada por todo o país, tendo a sua sede Geral em Lisboa. Esta depende juridicamente da Igreja Portuguesa e do estado Português.

Em termos geográficos, a obra é única e una dependendo as sedes locais da sede geral nos termos estatutários. O seu campo de acção estende-se por diversas áreas: infância, juventude, mulher, família e população idosa, actuando também noutras situações de apoio e carenciados.

Especificamente a creche onde estagiei nasce em outubro de 1998, a sua abertura deveu-se a razões humanitárias, visto que se situa numa zona onde existia um número elevado de casais jovens e a inexistência de um espaço creche na área. Devido a esses factores decidiu-se avançar com o projecto, inicialmente com duas salas e posteriormente com três mantendo-se desde então assim. Esta tem a particularidade de ser um espaço muito familiar devido à sua dimensão. Hoje em dia o espaço é organizado da seguinte forma: uma sala dos 4 meses aos 12 meses, com 12 crianças outra dos 12 aos 24 meses com 15 crianças e por fim dos 24 meses aos 36 meses com 18 crianças. Termos de equipas de trabalho cada sala tem uma educadora e duas auxiliares de educação.

O Projeto Curricular é especialmente pensado e planeado para que a criança tenha a oportunidade de desenvolver as suas competências, numa perspetiva global e equilibrada. De uma forma divertida e simples levar a criança à descoberta de si, dos outros, da família, e do mundo que a rodeia. Conhecer o seu próprio corpo, descobrir e

utilizar as suas possibilidades em diferentes situações lúdicas da vida quotidiana, de modo que possa descobrir-se como pessoa em relação consigo própria, com os outros e com o mundo que a rodeia.

O projecto pedagógico é elaborado durante o mês de setembro, após terem sido elaborados os planos de desenvolvimento individual (PDI), tendo como base o projecto educativo e o regulamento interno da instituição, respeitadas pelas educadoras que têm em conta na sua planificação. Os objetivos gerais e os fins específicos da instituição, assim como os seus princípios fundamentais, estão presentes no projecto pedagógico. Esta instituição tem como objectivo base criar condições de qualidade para as crianças mas também para as suas famílias, reestruturando sempre formas de intervenção consoante as necessidades transmitidas pelas famílias.

A creche orienta a sua acção através dos princípios educativos expostos por Portugal (1998) que passam por abranger aspectos que são cruciais para um desenvolvimento sustentado em bases seguras que são: as relações, os ambientes, o desenvolvimento cognitivo, social e afectivo.

A primeira infância é uma etapa fundamental para o desenvolvimento da criança, sendo crucial por parte dos educadores uma consciencialização que permita promover actividades e dinâmicas significativas, para que possa contribuir para um crescimento saudável e sustentado a nível físico, emocional e cognitivo.

Sabemos também que esta faixa etária é caracterizada fundamentalmente por aspectos sensoriais e motores, que irão influenciar as diversas fases do desenvolvimento, visto que é a partir do seu próprio corpo que a criança irá adquirir competências que a levarão a descobrir o mundo que a rodeia.

Isto leva-nos a perceber que as experiências desenvolvidas serão substancialmente necessárias para uma estruturação interior e, posteriormente, exterior do espaço por

consequente ao complementarem –se nasce exigência de fomentar ambientes significativos onde se propicie à exploração. Citando Gardner (1983) “A inteligência espacial nasce da acção que a criança exerce sobre o mundo”.

Esta acção provém dos afectos e laços que a criança estabelece e cria com os adultos significativos, onde por sua vez irá transpor para a criança a segurança necessária para explorar e descobrir o que lhe envolve. É a partir da relação adulto-criança e vice-versa que iremos encontrar a chave para um desenvolvimento sustentado em bases frutíferas, que desencadearam outras ramificações, também fulcrais para uma evolução global equilibrada. Segundo Shanker (2010) as experiências que promovem a relação directa criança-adulto, são vitais para a integração sensorial, coordenação sensoriomotora e desenvolvimento emocional.

O grupo onde estagiei que tem crianças com idades compreendidas entre os 8 meses e os 18 meses é caracterizado por ser muito dinâmico e observador ao que de novo é-lhes apresentado. Nas actividades diárias são ávidos de conhecimentos e de experiências novas, gostam quando fazemos suspense, interessem-se por participar, tendo mesmo que falar com eles fazendo-os entender que tem que esperar pela sua vez. Percebem quando algo surge de novo na sala mostrando interesse para a conhecer, explorando-a. E quando iniciamos uma brincadeira acompanham-na com facilidade. Gostam sobretudo de actividades ligadas com objetos que passam explorar captando assim coisas novas.

Nos tempos de tapete são muito atentos e respondem aos nossos gestos e sinais vocais. Parece que percebem que naquele momento algo novo vai surgir, porque encontram-se. Na interação com o adulto eles procuram-nos pela sala, e gostam da nossa presença. Gostam de ser elogiados, são muito atenciosos. Muitos já tentam expressar as suas necessidades através dos gestos ou sons.

Nas brincadeiras livres este grupo gosta de brincar a colocar e pôr os brinquedos dentro da tenda e das caixas, de colocarem-se dentro da tenda e fazer cu-cu, gostam de encher e esvaziar os copos com peças e de construir torres, e de seguida derrubá-los.

3.2. Interligação entre práticas correntes e o objecto de estudo

Dentro dos objetivos específicos do projecto, encontramos um princípio orientador que visa: Despertar a curiosidade e o desejo de saber, conhecer e identificar: o corpo, a Família, o ambiente, o mundo que a rodeia. E dentro do objetivos gerais e específicos saliento dois:

1. Observar e explorar o ambiente imediato com uma atitude de curiosidade e cuidado, identificando as características e propriedades mais significativas dos elementos que o compõem e algumas das relações que estabelecem entre eles;
2. Observar e explorar ativamente o seu ambiente imediato e os elementos que o configuram e com a ajuda do adulto ir elaborando a sua percepção deste ambiente e atribuindo-lhe algum significado.

Estes objectivos e princípios viabilizam o trabalho de campo para uma maior consciencialização da organização espacial apesar de não o especificar. Na instituição não existem práticas correntes com obrigatoriedade de metodologia, tendo cada educadora a liberdade de praticar aquilo que acredita enquanto modelo curricular. O tema é trabalhado por cada educadora de diversas formas através das rotinas de alimentação, higiene e repouso, nas actividades diárias e espontâneas.

A nível do espaço físico a esta instituição procura oferecer espaços diferenciados: o salão onde se vivenciam as festas e se pratica ginástica. Neste espaço temos um palco que é a maior atracção das crianças pois têm que subir umas escadas para lá se dirigirem. Na deslocação para o salão percorremos um caminho através de um passeio

delimitado, a fim de nos dirigirmos a outro edifício. No exterior temos um parque no pátio sem cobertura.

As salas são todas diferentes e posicionam-se em diferentes pisos: no primeiro piso encontramos a sala dos golfinhos com idades entre os 24 meses aos 36 meses é composto por uma copa onde eles não têm acesso, uma sala de actividades um corredor e uma casa de banho que fica fora da sala no final do corredor em frente da sala de actividades. Para irem para a casa de banho têm que abrir a cancela e acender a luz. No segundo piso encontramos a sala dos peixinhos com as idades dos 12 aos 24 meses, onde têm uma sala; uma casa de banho anexada, e um armário onde guardam os catres este é um local onde as crianças gostam de explorar (abrir e fechar, colocando-se lá dentro). Tem também um refeitório onde partilham o espaço com os mais velhos da sala dos Golfinhos; esta área está dividida não fisicamente, mas através da diferenciação de mesas e cadeiras. As mesas e cadeiras pequenas correspondem à sala dos 12 aos 24 meses e as outras maiores correspondem à sala dos 24 aos 36 meses. E por fim no terceiro piso existe a sala dos patinhos, onde tem mais áreas diferenciadas, passo a especificar tem um dormitório onde as crianças têm por vezes acesso, uma sala de actividades, um espaço de refeição com mesas e bancadas, uma casa de banho com duas bancas, e uma copa esta encontra-se com uma cancela que por vezes está aberta.

Focalizando a área de sala onde decorreu o estágio passo a pormenorizar: no espaço da sala de actividades os materiais são todos removíveis podendo assim conjugar os espaços alterando conforme o desenvolvimento das crianças e as actividades desenvolvidas; no dormitório as camas estão em forma de labirinto o que faz com que as crianças possam brincar entre as camas entrando de um lado e saindo de outro; no espaço de refeição as mesas estão expostas sem cadeiras e sendo elas semi-luas pode-se optar por as juntar ao separá-las encostando-as à parede: no espaço de higiene existe 12

compartimentos onde se coloca individualmente os pertences de cada criança (fraldas, pomada, pente, soro, toalhetes/compressas.)

A relação, entre os espaços é um factor fulcral para um desenvolvimento a partir da organização espacial, pois, consolidar este aspecto é transformá-lo em algo essencial para uma estruturação interior como exterior. Viabilizando caminhos de descoberta e exploração do que, ainda é, desconhecido preparando-os para outros voos.

Segundo Portugal, (2010) “os bebés necessitam de amplas oportunidades para experimentar uma variedade de experiências sensoriais e motoras.” (p.54); estas advêm das oportunidades que o adulto promotor de boas práticas desenvolva com eles.

Um contexto desenvolvimentalmente adequado responde às novas e crescentes necessidades de mobilidade da criança (os espaços e equipamentos desafiam a criança na sua mobilidade crescente e fornecem-lhes novas perspectivas do mundo), promove a sua autonomia e o seu interesse pelas rotinas bem como a capacidade da criança em se envolver num leque cada vez mais diversificado de actividades. (Portugal 2010, p.55)

Dentro do que é a vivência diária da creche, somos confrontados com inúmeras situações que poderiam suscitar a sua análise, visto que, é um mundo repleto de seres em crescimento. A urgência de trabalhar organização espacial, está na predisposição inata que as crianças revelam desde muito cedo sobre aquilo que é a manipulação dos objectos e do seu corpo sobre o espaço. A valência de creche, é uma base educacional que irá sustentar os alicerces que irão surgir numa fase posterior, por conseguinte, a nossa atitude é de criar espaços, momentos e elos que permitam à criança desenvolver em si a capacidade de se identificar neste pequeno, grande mundo. E com isso aventurar-se a explorar outros caminhos com a segurança e confiança necessária que a relação directa e afectiva oferece.

4. A Prática de ensino supervisionada na instituição

Dentro do que é uma vivência diária de uma sala, somos confrontados com a beleza daquilo que nos aproxima, com aquilo que nos diferencia. Podendo assim conjugar inúmeras histórias que se desenrolam durante os vários dias de relação e interação, proporcionado pela cumplicidade que se foi construindo e alicerçando, através da exigência que é amar aquilo que se faz.

Por conseguinte, pode-se assim contextualizar o vivido com o principal intuito de não o banalizar mas sim de o tornar consciente não só aos olhos de quem o viveu mas também aos olhos de quem o vai ler, para que assim, possamos chegar ao que ainda não se encontra desperto. Estas pontes formam-se com o principal objetivo de filtrar aquilo que é essencial dentro daquilo que o contexto exige.

Ao posicionar-me na situação de estágio vários foram os momentos que suscitaram o seu relato e análise visto que se encontram relacionados com o objecto de estudo.

Num momento de brincadeira livre, muitas são as situações que nos despertam para exploração, onde por sua vez nasce a aprendizagem que está intimamente ligada ao brincar. A M. veio preconizar isso mesmo, ao entrar e sair da piscina de bolas na nota de campo número um, e em surge um diálogo entre a estagiária e a M. e eu pergunto! – Queres entrar para dentro da piscina? A criança riu-se, tentando conquistar por várias vezes esse objetivo com incentivo da minha parte. Quando o consegue fazer, faço uma grande festa dizendo: - Muito bem! Conseguiste entrar sozinha para dentro da piscina das bolas.

Esta conquista acontece acreditando que as relações e interações significativas são uma fonte de projeção para a construção do conhecimento e desenvolvimento de

capacidades. É através do incentivo e da confiança que a vontade de se superar faz acontecer a aprendizagem sem ser esse o principal objetivo.

Se por um lado os bebês e crianças até aos três anos estão poderosamente auto-motivados para aprenderem com todo o seu corpo e sentidos e para comunicarem aquilo que sabem, também dependem, por outro lado, da afirmação e do calor das relações de confiança para o fazer.

Post e Hohmann (2000 p.32)

Completando a ideia em relação ao objeto de estudo, Moreira e Oliveira (2003) vêm dizer que na sua actividade diária as crianças pequenas vão, assim experimentando informalmente conceitos matemáticos. (p.40)

Esta ideia também é corroborada na nota de campo número dois que através de uma brincadeira iniciada pelo adulto, neste caso, por mim estagiária, surgiu de uma forma informal o colocar de um copo em cima da cabeça da criança verbalizando-o. Passo relatar a situação. Num momento em que estávamos sentadas a brincar com as crianças coloquei o copo dizendo: M. vou colocar o copo em cima da tua cabeça. Passado algum tempo a mesma criança veio colocar em cima da minha cabeça eu disse: - Muito Bem, estás a colocar o copo em cima da minha cabeça? Ao cair o copo peço-lhe que vá colocar o mesmo em cima da cabeça da colega. Ao corresponder ao meu pedido fazemos uma grande festa e de seguida repete o mesmo gesto aos amigos. Neste caso, também se avalia a capacidade da criança corresponder a um pedido e fazê-lo corretamente, repetindo o resultado não só nela mas nos outros. Isto vem mostrar que a experiência impulsiona a capacidade exploratória fazendo com que a queiramos perceber tendo que repetir para assimilar para, posteriormente, experimentar novas situações.

A aprendizagem de qualquer estrutura, contém nela própria uma pré-lógica que é inerente aos mecanismos sensório-perceptivo-motores

necessários ao seu funcionamento, e que advém de um período de repetições variadas e de experiências acumuladas.

Fonseca (2005 p.164)

A nota de campo número três abre-nos dois caminhos: um relata-nos como diferentes espaços são importantes para uma melhor diferenciação entre aquilo que são resultados iguais e diferentes e o outro a exploração do objecto através do espaço e a sua ligação.

É na nota de campo número três que nos é apresentado, pela criança, a importância dos diferentes espaços terem uma ligação aberta transformando-o num ambiente onde haja a possibilidade de fazer ligações através do seu próprio corpo com os objetos, desbravando caminhos para novas experiências.

Quando é relatado que a criança brinca passeando da sala de actividades para o espaço de refeição é como se pudéssemos ver a criança a fazer um exercício mental, diferentes espaços com o mesmo resultado, permanecendo ela igual como Ser mas em diferentes espaços. A outra ocasião de exploração é quando a criança manuseia o objecto tentando encaixá-lo em diferentes orifícios

Esta capacidade de movimentar-se com o objecto a partir do apoio do seu corpo experimentando hipóteses, conjugando objectos, faz-nos ver que o domínio do espaço permite entrar na lógica da tentativa e erro, possibilitando um maior conhecimento não só do objecto mas também de formas de explorar o objecto através do espaço e do próprio corpo.

A ideia principal não é trabalhar formalmente a matemática mas sim integrá-la no quotidiano das crianças, verbalizando-o conscientemente, através de momentos espontâneos, rotinas diárias e de actividades planeadas.

As posições relativas dentro/fora, em cima/em baixo e de um lado / para outro lado, aparecem aqui como necessárias para a identificação no espaço fazendo com que

consigamos posicionarmo-nos conforme o exigido, oferecendo opções de escolha na forma como exploro o espaço.

Moreira e Oliveira (2003) dizem que o entendimento que as crianças têm do espaço depende das suas experiências e do reconhecimento que fazem dos objectos, através dos sentidos.

Por sua vez, na nota de campo número quatro num momento de rotina de higiene existiram três situações merecedoras de análise: quando a criança é chamada para vir até ao espaço de higiene e quando chega ao pé de mim sabe que, para mudar a fralda, tem que vir para cima da bancada da muda e pede para subir levantando os braços. Quando se deita, automaticamente, levanta as pernas para a mudar a fralda recebendo da minha parte o enaltecer dessa conquista. Esta sequência de acções protagoniza não só um conhecimento gradual do espaço e do corpo, mas também, a segurança que as rotinas lhe trazem para um conhecimento interior do que vivência onde, por sua vez, os afectos e os elos criados potenciam uma estruturação equilibrada. Damos conta que, quando existe uma harmonia e quando se deposita confiança na criança oferecendo um espaço onde se possa movimentar livremente fazendo-lhe prever que existem limites e áreas distintas irá fazer com que, antecipe a acção que irá acontecer.

Esta experiência só foi possível porque ele interiorizou esta vivência, tornando-a sua e projectando-a. E é aqui que a criança oferece ao educador uma visão de que quanto mais interações e diálogos existirem entre estes intervenientes, mais noções de espaço ele criará sentindo-se presente nas vivências, manifestando-as no seu dia-a-dia.

João dos Santos sublinha que esta síntese da evolução infantil relacionada com o conhecimento matemático do espaço é inseparável da pessoa-afecto e da linguagem que, neste espaço, se situam. Assim explica-se que «não faça sentido separar vida afectiva da inteligência e do conhecimento».

Outra situação susceptível de análise encontrámo-la na nota de campo número 5 quando de uma forma espontânea a criança acompanha o movimento de baixar do adulto e, de seguida, o mesmo faz disso uma brincadeira colocando termos como «para cima» para «para baixo».

A importância de acompanhar os gestos das crianças transformando-o em aprendizagem é vital para consolidação de processos, tornando-os progressivamente seus, permitindo conjugá-los com as vicissitudes que acompanham o seu percurso de progresso e retrocesso, crucial para a entender, o que o mundo lhe oferece e de que forma quero estar nele. Percebemos então através de Carvalho e Branco (2010), que enfatiza o pensamento de João dos Santos quando o próprio diz que “O movimento é a primeira forma de pensar. O bebé pensa e comunica o seu pensamento através do movimento.” (p. 402)

Aqui surge o adulto consciente que cria circunstâncias que possibilitam à criança explorar o que ainda não está interiorizado e sentido. Dar forma e corpo ao vivido é acima de tudo valorizar o que é conquistado, pois a relação é a fonte inspiradora para um desenvolvimento sustentado. Hoje mais do que nunca fala-se sobre a sustentabilidade como forma de sobrevivência auto-suficiente e como ela irá ser crucial para os próximos anos. Podemos então trazer de forma arriscada esta terminologia para a educação visto que também ela é fundamental para o crescimento da humanidade prevendo que a forma sustentável de educar está na forma como conjugo e interligo e respeito o ser, o estar e o fazer.

Quando conjugo na actividade número dois, objectos que eles gostam e com que estão, intimamente, familiarizados tais como as caixas, as bolas, os rolos vazios de papel, os legos e os interligo, respeitando as suas preferências proporciono uma

harmoniosa mas caótica exploração do que é apresentado, fazendo com que eles entendam que através da experiência de colocarem-se dentro da caixa, de fechar a caixa de abrir a caixa, de retirar os objectos e voltar colocá-los dentro, e de encaixar objectos dentro de outros, compreendem do que os rodeia.

É, pois, a prática do objecto e a prática do corpo que envolve a sua manipulação, a verdadeira aprendizagem dos seus respectivos atributos e propriedades (forma, volume, peso, posição no espaço). A partir da noção do corpo e do objecto, irão surgir naturalmente as condições para a integração e expressão da noção de espaço, da causalidade e de tempo.

Fonseca (2005 p.243)

Na nota de campo número seis a criança em questão utiliza um objecto aplicando uma acção sobre o mesmo, «abre e fecha a caixa do termómetro», «tira a tampa e sopra para dentro caixa», «fecha a caixa do termómetro e sopra para a caixa» e durante estas situações o adulto interveio verbalizando os seguintes termos «sopraste lá para dentro da caixa?», «Tens que abrir a caixa para soprar lá para dentro» «muito bem abriste a caixa», «muito bem fechaste a caixa». Sá (2006) diz-nos: “Pensar faz-se tocando-se naquilo que se pretende conhecer.” (p114). O reconhecimento do espaço faz-se também conhecendo o que habita no próprio espaço fazendo com que o relacionemos com outra vivência, interligando-a. Este processo de ligações cria a capacidade na criança de explorar, criando a possibilidade de intervir sobre as coisas manipulando-as para encontrar sentidos, abrindo hipóteses de exploração. E esta permuta que é a relação criança-objecto, onde por sua vez tem um adulto orientador que estabeleça, não de uma forma evasiva mas subtil, a ligação com o objecto aplicando a isso vocabulário, fazendo com que a criança se familiarize com o que tem em mãos, assegura, uma maior autonomia no que diz respeito à sua vontade de aventurar-se pelo espaço apercebendo-se, deste modo, que a vida é feita de conjugações. Requer, porém, da nossa parte um

constante olhar, sobre e para o vivido, pois só deste modo poderemos chegar à vivência de uma criança.

Por sua vez na actividade número um, somos confrontados com um planeamento de uma acção que visa proporcionar momentos de exploração do espaço, dos objectos e com isso trabalhar as posições relativas (dentro/fora; debaixo de). A acção mobiliza o pensamento, este critério faz-nos ver que é a partir da experiência que nasce a possibilidade de descobrir e de reinventar através do que nos é apresentado.

Para Piaget segundo Fonseca (2005) a inteligência é a resultante e o resultado da experiência do individuo. Segundo ele é através da experiência como acção, e portanto como motricidade, que o individuo simultaneamente integra e incorpora o mundo exterior e o vai transformando. (p.149) Durante esta actividade muitos foram os momentos que mereceram a nossa atenção. Uma das situações aconteceu quando me aproximei da criança que estava a brincar com os arcos e legos e reparei que estava a retirá-los do arco; juntei-me à brincadeira e disse: - oh está a tirar os legos para fora do arco? - A Tina também vai tirar. Quando a criança me viu repetir o seu gesto continuou a fazê-lo e, por sua iniciativa, de forma espontânea, começou a colocar os legos que tinha colocado fora do arco, dentro do arco. Ao presenciar isso verbalizei dizendo: Olha! Agora estás a colocar os legos dentro do arco? Muito bem o arco ficou vazio e agora vamos encher com os legos outra vez. Este momento vem demonstrar que houve iniciativa da criança sobre o objecto. Isto oferece-nos uma visão que a experiência é fundamental na consolidação de processos. Para Gardner (1998) segundo Fonseca (2005) o reconhecimento espacial dos objectos permite à criança, desenvolver uma inteligência prática e uma inteligência das situações. E é a partir deste aspecto que a actividade número um vem demonstrar que é necessário criar momentos que possam interligar a parte motora, com os objectos capacitando a parte cognitiva, originando uma

organização. Durante esta actividade decorreram 4 acções susceptíveis de revisão: a primeira já mencionada acima, as outras apesar de serem diferentes situações encontram pontos em comum à exploração do palavra «dentro», revelando a necessidade de, explorar termos que ajudam a dar sentido ao acto; a manipulação dos objectos recriando acções. A partir das ideias de Wallon, segundo Fonseca (2005) a criança explora os objectos ao mesmo tempo que se explora corporalmente a si próprio, auto-conhecendo-se. (p.83). Verificamos isto na actividade número um na acção dois «A C. colocou-se dentro do arco e eu disse-lhe: - Oh C. estás dentro do arco? O que estás a fazer? Estás a brincar com os legos aí dentro, posso brincar contigo? E com a expressão habitual de inclinar a cabeça e sorrir, iniciei a brincadeira dizendo: - Deixa ver se a Tina cabe aí dentro do arco contigo. – Oh! A Tina é muito grande... não cabe. A Tina vai sair do arco». Apuramos também que na acção 3 isso se constata «Ao aproximar-me da L. reparei que ela tinha levantado o arco do chão e a partir desta iniciativa fui buscar também um arco e disse: - L. a Tina também tem um arco! Ela olhou para mim com um ar envergonhado, continuando a conversa disse: - Olha a Tina vai fazer igual a ti! Coloquei o arco no chão e disse: A Tina vai para dentro do arco e subo o arco!»

Percebemos então que a dinâmica num determinado espaço significativo com objectos familiares torna-se um meio facilitador de compreensão do espaço.

Já na acção quatro onde a brincadeira a experienciar era o dentro e o fora do túnel, existiram momentos tais como: «Eu que me encontrava do outro lado do túnel à espera que ele D.P. completasse o percurso, incentivando-o disse : D.P... Cu-cu! D.P. estás aí dentro do túnel? Oh! O que está aí dentro do túnel? São os legos? Consegues passar? Foi quando o D.P. olhou para mim, riu-se e, para vir ter ao meu encontro, atirou os legos para trás. Quando eu vi essa acção disse: - Estás a atirar os legos para trás para conseguires chegar aqui, Muito bem! » Isto vem revelar que as actividades são um

apoio ao conhecimento e que a acção exercida sobre o objecto vem ajudar a vincular ideias que estruturam o modo como quero explorar o espaço. É de referir também que ao colocarmos um obstáculo no túnel para dificultar a sua ultrapassagem fez com que a criança para o ultrapassar tivesse que tomar uma decisão, tendo que resolver o seu problema.

Para que as crianças e jovens se tornem mais conscientes de si próprio e das suas acções é fundamental proporcionar-lhes situações-problemas e condições práticas para dominarem e aperfeiçoarem, o seu corpo e as suas relações com o espaço, interagindo com os outros e com os objectos de forma agradável e prazerosa, no fundo, garantindo condições de enriquecimento dos seus auto-conceitos.

Fonseca (2005 p.440)

E, por fim, as actividades número três e quatro acontecem no espaço exterior da creche onde eles brincam, quando está bom tempo. Neste caso as actividades foram pensadas para serem realizadas no exterior, visto que, um dos objectivos era proporcionar experiências num espaço diferente daquele que é usual. Na actividade número quatro a ideia era aliar elementos sensoriais (areia e água) com o aspecto exterior.

Esta ligação vive da experiência que dela surge, fazendo com que as crianças se sintam unidas ao espaço através do que vivenciam. As actividades sensoriais são uma ponte que une dois mundos o Sentir e o Ser. a partir deste elo que a criança se sintoniza criando bases que potenciam a exploração contribuindo assim para uma organização de sensações que ajudam na formação do seu Eu.

Esta actividade mostra a necessidade de criar momentos onde possamos expandir para além do espaço que usamos habitualmente (o interior da sala) o que possibilita uma visão não limitadora sobre o espaço, oferecendo-lhe a hipótese de criar em si opções de escolha, de como quero estar.

«- Estás a colocar areia para fora da caixa? - E agora? Estás a colocar a areia para dentro da caixa?» Estás a colocar água para fora do alguidar?

Qualquer movimento intencional e significativo supõe uma representação fidedigna do envolvimento, quer quantitativa, quer qualitativa, uma vez que ele só pode ser corretamente desencadeado se se verificar uma activa e adequada implementação da percepção e da cognição sobre o mundo envolvente

Fonseca (2005 p.713)

Na actividade número quatro sucederam-se inúmeros momentos onde a criança encontrou espaço para unir-se com aquilo que foi apresentado. Quando as crianças ao mexerem na areia, apanhavam-na e de seguida abriam e fechavam a mão, a partir daí observavam a areia a cair. «Estás a abrir e a fechar a mão? A Tina também vai fazer! Mas com a variante de ter acrescentado a ideia de subir e descer a mão verbalizando: - Olha a Tina sobe e desce (enquanto o fazia, a areia ia caindo) oh já não tenho mais areia (mostrei a mão vazia) vou buscar mais!» O envolvimento com aquilo que experienciamos traduzir-se-á na forma como a interligo com o corpo, fazendo com que aconteça uma interpretação do espaço. Isto acontece aliado à brincadeira que abre portas para a vontade de descobrir.

Quando nós adultos, iniciamos uma brincadeira temos de dar espaço à criança para que depois ela se sinta com vontade de reproduzi-la, dando voz ao seu interior. Esta acção de colocar areia nos copos aconteceu através de uma brincadeira iniciada pela estagiária «- Olha L.! Estou a encher com areia o copo. Ela por sua vez pegou no copo que eu tinha enchido e esvaziou-o. Ao que eu disse: - Oh ficou vazio! Vamos encher de novo! Agarrei noutra copo enchi com areia e disse: - Toma L. agarra, enche tu o copo com areia! Ela ainda de modo desajeitado tentou colocar areia dentro do outro copo, e obteve da minha parte um festejo, dizendo-lhe:- Muito bem L. encheste o copo com areia!»

E por fim a actividade número 3 surge pela importância de experienciar a ideia de dentro de um espaço criar-se outro espaço. Esta actividade teve como principal foco a história mas aliado a isso veio a experiência de estar dentro de uma tenda. Era essa a minha real intenção de proporcionar um momento lúdico num espaço diferente. Esta actividade tem dois momentos susceptíveis de análise: num primeiro momento em que percebem que dentro do parque existe algo novo e se aventuram a explorá-lo, «Quando chegamos ao parque duas crianças dirigiram-se para dentro da tenda olhando para cima e observando o espaço; Eu verbalizo: o que estão a fazer aí dentro da tenda?» Esta curiosidade geradora de conhecimento leva a criança a construir em si a capacidade de interpretar os espaços através do seu corpo porque, com base em Piaget segundo Fonseca (2005), a acção é inteligência em movimento (p.168). Por sua vez num segundo momento, quando convidado a entrar para dentro da tenda, demonstram-se receptivos ao convite e adoptando uma atitude observadora do novo espaço: « vamos para dentro da tenda do tio Manel? Hoje estamos num espaço diferente! Estamos dentro da tenda do tio Manel!» A introdução de novas experiências é algo essencial para a vinculação do que já se conhece, abrindo espaço para o desconhecido. Estimular para uma postura de observação é também criar momentos de reconhecimento de um determinado espaço, crucial para a adaptação ao meio. Podendo assim dizer que para Piaget, segundo Fonseca (2005), a função sensório-motora, bem como as suas consequentes estruturas perceptivas e cognitivas, constituem a propedêutica indispensável à organização e construção intelectual propriamente dita.(p.167)

O relato destas experiências leva-nos a analisar que, o mesmo conteúdo poderá ser vivenciado e desenvolvido em diferentes contextos, de um modo mais informal onde poderemos fortalecer o aspecto da organização espacial introduzindo-o no seu quotidiano através das rotinas e de momentos de brincadeira, e de um modo mais formal

onde através de actividades planeadas, conjugando com os interesses das crianças, introduzir a organização espacial como um aspecto a ser vivido.

Como síntese a estas descrições apresento as tabelas seguintes:

Figura nº 1

	Cima/Baixo	Dentro/Fora	Abrir/Fechar	De baixo de	Encaixe
Nota de campo 1		●			
Nota de campo 2	●				
Nota de campo 3		●	●	●	●
Nota de campo 4	●	●	●		
Nota de campo 5	●				
Nota de campo 6	●	●	●		

Figura nº 2

	Dentro/Fora	Em cima/Em baixo	Levantar/Baixar	Abrir/Fechar	De um lado/para outro	Encher/Esvaziar	Enfiar
Actividade 1	■	■	■		■		
Actividade 2	■			■		■	■
Actividade 3	■						
Actividade 4	■			■		■	

A tabela da figura número um corresponde às notas de campo e da sua leitura se verifica que de um modo mais informal o em cima/ em baixo e o dentro/fora repetem posições relativas do objecto no espaço permitindo que algumas vezes a organização espacial seja um

aspecto a ser valorizado, pois é algo que aliado ao dia-a-dia se potencia através da exploração promovendo auto-conhecimento. Na tabela da figura número dois - das actividades planeadas - somos confrontados com a tendência de explorar mais os termos dentro/fora apesar de, em cima/em baixo, abrir/fechar, de um lado/para o outro lado, encher, também serem recorrentes. Isto vem revelar a possível necessidade de formalmente criar momentos que sedimentem aquilo que informalmente foi vivido. Esta conjugação leva-nos a perceber a importância de criar pontes que ajudem a estruturar aquilo que sentimos e vivemos, podendo existir uma permuta entre aquilo que foi espontâneo e o que foi planeado.

5. Considerações Finais

Este trabalho teve a intenção de revelar um olhar activo e constante sobre o desafio que é ousar construir caminhos tendo como finalidade viver o vivido, para que se possa conjugá-lo, com o intuito de dar significado e ser significativo para o outro, tendo como base o Amor. Viver um percurso é escolher agir, actuando sobre ele de modo a dar vida a essa corrente. E é a partir daí que nasce a esperança que nos ajuda a edificar um projecto ainda sem rosto.

A esperança, no seu sentido mais profundo e poderoso, não é exactamente o mesmo que a alegria de reconhecer que algo está bem ou que sobre isso vá existir sucesso. A esperança está muito mais dependente da capacidade de trabalhar, lutar, viver para algo porque esse desígnio é importante ou bom e não apenas porque há sobre ele a hipótese de ser bem-sucedido. É a esperança que, acima de tudo, nos dá a força de viver e de continuamente saber aceitar a diferença e a novidade.

Strecht (2012)

E o agarrar neste estudo foi seguramente um desafio, conquistar a confiança em cada passo podendo dar voz e corpo a este fluxo que se expandiu através da clarividência do acto de interagir, de conhecer e de reconhecer a necessidade tal como Empis (2008) nos diz: “ Tudo nasce, cresce e se desenvolve na e pela relação. E acrescento ainda: e só nela.” (p.95)

Quando se tem em mãos duas perguntas às quais é imperioso dar resposta através do acto de agir sobre as situações, recriando e reaprendendo com a espontaneidade do que é ser criança, readquirindo aqui capacidades de olhar e reflectir sobre o que o contexto e os afectos nos vão transmitindo, urge deitar mão ao desafio.

Quando uma criança se revela, nasce conhecimento, e quando ela tem este poder em mãos é urgente reconhecê-lo, valorizando-o, dar sentido ao que foi vivido. E acima de tudo dar espaço aos afectos revelando caminhos do que é ser humano.

Este estudo vem revelar a necessidade de unir esforços pois não se pode trabalhar como ilhas isoladas, tem que se criar elos que fortaleçam e o sustentem. A organização espacial neste trabalho uniu-se ao corpo e aos afectos. Porquê? Porque aqui se conjuga dois mundos o exterior e o interior. E quem gere estes dois mundos? São os afectos.

Para dar resposta à primeira pergunta de investigação “Como é que o educador pode “agarrar” nas brincadeiras livres da criança para ajudar a organizar-se espacialmente?” esboço uma resposta: O adulto poderá fazê-lo em duas vertentes, o informal onde por via da brincadeira livre, das rotinas e na espontaneidade do movimento faz, surgir diálogos que estabelecem ligação com o espaço e o objectos interligando essa conquista com valorização do seu corpo, dando sentido e forma ao vivido; e o formal (actividades planeadas) actuando com intenção mas concedendo espaço ao que é espontâneo, percebendo a partir daqui o que foi assimilado, para que a intervenção seja encaminhada para aquilo que é essencial. Ao responder a esta questão, acresce a noção que, privilegiar o espontâneo em determinados momentos é dar vida e sentido ao espaço, reconhecendo-o como uma ponte que une, que organiza, que orienta e que interliga o mundo em nós.

À segunda pergunta de investigação que emerge: “- Que papel pode desempenhar o adulto na descoberta do espaço pela criança de 8 a 18 meses?” Aponto que terá que ser um agente activo e discreto na acção, tendo que dar à criança espaço para se aventurar, podendo assim encontrar-se nessa dinâmica que nos encaminha para a interação onde nasce o diálogo que estabelece a ligação com o vivido. Como proposta de estudo futuro gostaria de, neste âmbito, poder vir a investigar se a forma de organização do espaço onde a criança permanece pode ser fomentadora de outras aprendizagens matemáticas.

Ao analisar a experiência vivida no estágio percebe-se que a vitalidade do acto é crucial, para se fazer florescer gestos e atitudes promotoras de conhecimento e afecto. O concretizar de uma ideia, é acima de tudo, criar hipóteses de crescimento, que fundamentem a forma como quero encarar a vida, questionando-me constantemente sobre o vivido.

Esta experiência acresceu em mim a vontade de ser mais para os outros visto que quanto mais se dá, mais se recebe e é nessa base que se utiliza o conhecimento do outro para a edificação de estratégias que façam evidenciar o potencial de cada um. Esta reciprocidade constante desencadeia em nós um maior conhecimento sobre o que nos rodeia e por isso, é exigente na acção, faz brotar o pensar de novo, o começar de novo, o voltar a repetir, consolidando-o de forma a criar em cada um ferramentas que auxiliem o agir perante a exigência e responsabilidade que é Ser.

Referências Bibliográficas

- Berge, Yvone (1986) *Viver o Seu Corpo*, Lisboa Compendium /Veja
- Bogdan, R. C. e Biklen, S K. (1994), *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto-Porto Editora
- Branco, M. E. C. (2010), *João dos Santos Saúde mental e Educação*, Lisboa:Coisa de Ler
- Carvajal, A e Rabanal, L.(1993) iniciação à geometria in S.S.Cerezo(Dir.) Enciclopédia de Educação de Infância, vol.IV, Rio Mouro: Nova Presença
- Campos. A. L. (2010) *Primeira Infância um olhar desde a Neuroeducação*, Peru Cerebrum. Recolhido
<http://portal.oas.org/LinkClick.aspx?fileticket=KZY3OMWkXBo%3D&tabid=1483> em 11-01-2015
- Empis, I. (2008) *Eu Quero Amar, Amar perdidamente*, Cruz Qubrada: Oficina do livro.
- Fonseca, V. D. (2005) *Desenvolvimento Psicomotor e aprendizagem* Lisboa Âncora.
- ISS, I. (2005). *Manual de Processos-Chave - Creche*. Lisboa: ISS, I.P.
- Kamii, C. (1996). *A Teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Moreira, D. e Oliveira I. (2003) *Iniciação à Matemática no Jardim de Infância* Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, I. (2013) *Regresso a casa: estrutura da acção de enfermagem*, Lisboa, Universidade Católica Editora
- Portugal, G. (1998). *Crianças , Famílias e Creches*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2010). *No âmago da educação em creche: o primado das relações e a importância dos espaços*. Conselho Nacional de Educação, CNE (pp. 47-59). Lisboa: Educação das Crianças dos 0 aos 3.
- Parente, C. (2012) *Observar e escutar na creche para aprender sobre a criança* Porto cnis- Universidade do Minho
- Post, M. e Hohmann, J. (2011), *Educação de Bebés em Infantários cuidados e primeiras aprendizagens*, 4ª edição Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sá, E. (2006) *Crianças para Sempre*, Cruz quebrada: Oficina do livro.
- Silva, M. I. R. L. (1997) *Orientações Curriculares para Pré-escolar*, Lisboa, Ministério da Educação Direcção Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Sprinthall, N. e Sprinthall R. (1993), *Psicologia educacional* Lisboa: McGraw Hill
- Strech, P. (2012) *Assim Seus Olhos – O lugar da esperança no futuro das crianças e dos adolescentes*, Porto - Porto Editora.

Anexos

Anexo 1- Actividades Planeadas

Uma actividade não surge por si só, para um educador/a, antes da acção ser planeada, existe momentos de afectividade e partilha geradores de segurança e momentos significativos que despertam na criança a motivação e a vontade de descobrir.

O observar e escutar aliado ao conhecimento é o que viabiliza ao educador a sua forma de acção. Para Oliveira-Formosinho segundo Parente (2012, p.6) “a observação e a escuta activa da criança realizada durante as actividades e interações do dia-a-dia e registada sob a forma narrativa e outras evidências tornam possível desenhar uma imagem do que a criança faz e como faz que pode ser partilhada com outras pessoas, nomeadamente com os pais.”

Planeamento da actividade 1: O que está dentro do túnel e dos arcos?

Data : 29 de maio de 2015

Nome da acção: O que está dentro do túnel e dos arcos?

Idade: Dos 8 aos 18 meses

Recursos:

Humanos: 4 Adultos 11 Crianças

Materiais para a actividade: arcos; legos; túnel

Materiais para o relaxamento: aparelho de som, lençóis, tapete

Físicos: Sala de actividades

Intencionalidade Pedagógica: Proporcionar-lhes experiências que os permita alicerçar voluntariamente noções espaciais com base em actividades planeadas.

Objectivos:

1. Manipular os objectos em relação ao espaço;
2. Despertar a curiosidade;
3. Explorar o espaço e os objectos;
4. Explorar o dentro/fora
5. Proporcionar um momento lúdico e de descoberta;
6. Observar diferentes perspectivas
7. Proporcionar segurança e confiança durante as suas conquistas

Organização do tempo: a actividade será no dia 29 de Maio de 2015, ocorrerá no período da manhã e terá uma duração de uma hora aproximadamente, tendo sempre em conta o estado emocional das crianças.

Organização do espaço: a actividade por ser de expressão motora faz com que os materiais existentes na sala sejam retirados. Por sua vez é colocado o material que correspondente à actividade e exposto da seguinte forma: no meio o túnel e no seu

interior legos, e para completar coloca-se quatro arcos à volta do túnel com legos no seu interior.

Planeamento:

1º- Retira-se o material amovível da sala, mantendo o tapete;

2º- Cantamos a canção que os indica que é para sentar no tapete, após isso cantamos os bons dias;

3º- Durante o momento que se antecede prepara-se o ambiente. Colocando o túnel e os legos no seu interior e arcos ao seu redor com legos no seu interior;

4º- Após organizar o espaço sento-me e falo com eles introduzindo o que vamos fazer, incentivando-os a explorar o que lhes rodeia.

5º- Durante este momento de exploração do espaço, existirá duas fases: a primeira será de deixar que eles explorem livremente o que lhes rodeia e a segunda será de os adultos de sala partilharem momentos de brincadeira e de exploração dos objectos.

6º- Passado o tempo de exploração da actividade, pedimos ajuda para arrumar os legos e os arcos, verbalizando termos que os orientem tais como, “vamos colocar os legos dentro da caixa”.

7º- Esta actividade termina com um momento de relaxamento, preparamos o ambiente deixando a meia-luz, as crianças deitam-se todas no tapete com a música calma (a habitual do relaxamento) de seguida dois adultos com o lençol vão passando por cima das crianças, ao mesmo tempo adulto vai falando ou reproduzindo sons relaxantes, e no final da música, de um modo suave, deixa-se cair os lençóis para cima das crianças.

Descrição/ avaliação / reformulação

A acção mobiliza o pensamento, este critério faz-nos ver que é a partir da experiência que nasce a possibilidade de descobrir e de reinventar através do que nos é apresentado.

Para Piaget segundo Fonseca (2005) a inteligência é a resultante e o resultado da experiência do indivíduo. Segundo ele é através da experiência como acção, e portanto como motricidade, que o indivíduo simultaneamente integra e incorpora o mundo exterior e o vai transformando.

A actividade proposta às crianças decorreu de forma prevista, as mesmas exploraram e manipularam os materiais de forma divertida e espontânea, sempre com muita curiosidade para descobrir mais, aventurando-se a experimentar outras maneiras de explorar o objecto.

1ª acção : retiraram os legos de dentro do arco e de seguida repetiram a acção mas de modo contrário de fora para dentro.

Esta dinâmica foi discutida com a criança estás a colocar para fora do arco os legos vamos colocar novamente as peças dentro do arco vamos contruir um torre dentro do arco Mas antes de interagir com as crianças deixei que explorasse. Apercebi-me que estava interessada em retirar os legos do interior do arco.

Descrição da acção:

Quando aproximei-me da criança que estava a brincar com os arcos e legos, reparei que estava a retirá-los do arco, juntei-me á brincadeira e disse: - oh está a tirar os legos para fora do arco? - A tina também vai tirar. Quando a criança vi-me repetir o seu gesto continuou a fazê-lo e por sua iniciativa de forma espontânea começou a colocar os legos que tinha colocado fora do arco para dentro do arco. Ao presenciar isso verbalizei dizendo: Olha! Agora estás a colocar os legos para dentro do arco? Muito bem o arco ficou vazio e agora vamos encher com os legos outra vez. A tina ajuda-te pode ser? E por própria iniciativa sabendo que a criança em questão gosta de construir torres, perguntei –lhe: - V. vamos construir uma torre dentro do arco? Iniciei a construção incentivando-o: V. olha uma peça, outra peça em cima da outra, e agora és tu, coloca

aqui as outras peças. O V. de seguida continuou o que eu tinha iniciado e conforme ele ia colocando eu ia incentivando dizendo: oh está a colocar uma peça em cima da outra e assim está a ficar uma torre muito grande. - Muito bem V! . - Ena pá está a ficar uma bela torre. O V. encontrava-se interessado deslocando-se na sala para ir buscar mais legos para assim continuar a nossa construção. Quando regressou colocou a peça na sua grande torre e como é habitual bateu palminhas com a sua expressão facial muito própria, quando juntei – me a o festejo e disse: Uau... V. que bonita construção muito bem e bati palminhas dentro deste momento fiz uma grande festa, o que despertou a atenção dos outro que ao repararem na minha expressão, aproximaram –se e num só gesto derrubaram a torre e eu disse: oh já não há torre caiu e a criança que construiu a torre disse: - Oh...acompanhada com um gesto de braços, mas não se sentindo lesado, agarrou em duas peças e dirigiu-se para outro canto da sala.

Entretanto no mesmo local da brincadeira anterior a C. entrou para dentro do arco.

Acção 2 - A criança dentro do arco

A C colocou-se dentro do arco e eu disse-lhe: - Oh C. estás dentro do arco? O que estás a fazer? Estás a brincar com os legos aí dentro, posso brincar contigo? E ela com a expressão habitual de inclinar a cabeça e sorrir, iniciei a brincadeira. E disse: deixa ver se a Tina (Cristina) cabe ai dentro do arco contigo. – Oh! a Tina é muito grande... não cabe a Tina vai sair do arco. Deixando-a lá dentro. Sento-me ao lado do arco e digo: tu ainda estás ai dentro do arco, de seguida, ela que gosta muito de encontrar um colinho disponível sai do arco e dirige-se rapidamente para o meu colo, a C. ainda não anda ela movimentava-se de rabo com o apoio do braço que impulsiona o corpo. Já no meu colo verbalizo dizendo: - Saíste do arco? Já não queres ficar lá dentro? Apontando para o arco. Ainda no meu colo peguei em dois legos ela ao vê-lo quis, dei – lhos e foi para o

chão brincando com eles batendo um no outro. Deixando – a distraída a explorar os legos.

Acção 3- Levantar e baixar o arco

Esta brincadeira teve início a partir de um momento em que a criança estava a mexer e a explorar o arco eu aproximei-me e iniciei um conversa e de seguida uma brincadeira. Ao aproximar-me da L. reparei que ela tinha levantado o arco do chão e a partir desta iniciativa fui buscar também um arco. E disse: - L. a Tina também tem um arco! Ela olhou para mim com um ar envergonhado pois ela é muito tímida, continuando a conversa disse: - olha a Tina vai fazer igual a ti! Coloquei o arco no chão e disse: A Tina vai para dentro do arco e sobe o arco! E ao fazer isto disse para dançarmos com o arco. Após isso comecei a balançar dizendo à L : - L. olha Tina faz também. A L. não faz logo espera que deixemos de olhar para ela e depois experimenta fazer, quando começou a baloiçar o arco de um lado para outro e fui apenas dizendo: para lá ...para cá acompanhando o seu gesto, e dizendo muito bem, sem mencionar nomes para ela assim prosseguir o que estava a fazer. Neste momento juntou-se a nós o G. imitando-nos, reparei que a L. ficou mais solta e mais disposta, ela gosta muito de se juntar aos amiguinhos para as brincadeiras. E com isso comecei outra brincadeira ainda no interior do arco de subir e descer o arco, verbalizando esta dinâmica, o G. iniciou comigo o sobe e desce o arco ao qual eu disse muito bem G. , a L. não o fez logo observou e depois fez. Com essa conquista fiz uma grande festa enaltecendo o que fizeram.

Acção 4 – Dentro e fora do túnel

A área do túnel foi uma zona onde eles passaram mais tempo a explorar. O túnel tinha no seu interior alguns legos onde dificultava que eles atravessassem, mas não os inibiu nem impediu que o fizessem o D.P. foi o primeiro a abrir caminho. Eu que encontrava-me do outro lado do túnel à espera que ele completa-se o percurso, ia incentivando. Ao

qual disse ao D.P: D.P... Cu-cu! D.P. estás a dentro do túnel? Oh! O que está aí dentro do túnel? São os legos? Consegues passar? Foi quando o D.P. olhou para mim riu-se e para vir ter ao meu encontro atirou os legos para trás dele. Quando eu vi isto disse: - estás a atira os legos para trás para ti para conseguires chegar aqui, Muito bem! Já outros para ultrapassar o túnel fizeram de outra forma. Quando chegou a vez do M. de passar o túnel eu encontrava-me do lado onde eles iniciavam, optei por não dizer nada em relação aos legos, apenas incentivei a ir ter com a Beta que se encontrava do outro lado do túnel dizendo: - Olha M.! Quem está do outro lado é a Beta vai ter com a ela. A Beta por sua vez incentivava o M. a ir ao encontro dela. O M. é uma criança muito expressiva é com isso alia-se à traquinice, durante este momento ele optou por ficar parado no túnel a rir-se para mim e para a Beta, enquanto isso nós aguardávamos que ele avançasse mas permanecendo o incentivo em terminar o percurso. Quando finalmente ele decidiu avançar nós fizemos uma festa, mas no momento em que ia para ultrapassar o obstáculo dos legos, falei e disse: estás a passar por cima dos legos M. não te magoam estou a ver...? Ele foi muito determinado na passagem do túnel quando chegou ao outro lado ficou muito contente e começou como é habitual bater palminhas e a rir-se com uma expressão de satisfação. Entretanto o D.P. entrou no túnel permanecendo no seu interior ao qual eu disse: - Cu-cu D.P. o que estás a fazer aí dentro parado? Estás escondido? Foi quando comecei a dizer: - oh onde está o D.P. Não veio à escola? Foi quando o comecei por chamá-lo. – D.P. onde estás escondido? Não me digas que estás escondido dentro do túnel? Nesse momento espreeitei e disse: - oh estás aí dentro do túnel, apanhei-te. Ele riu-se permanecendo no local ao qual eu disse: - Anda cá para fora D.P. Entretanto o M. veio e entrou do lado oposto do túnel onde se encontrava o D.P. o que fez com que ficassem os dois dentro do túnel. Ao encontrarem-se cumprimentaram-se com um sorriso. Após isso intervi dialogando com eles dizendo:

- Olha! Os dois amigos, estão dentro do túnel e agora como vão sair daí de dentro.

Iniciei uma brincadeira do cu-cu com eles. Dirigia-me de um lado do túnel e do outro para fazer o cu-cu. Eles riam-se e ficavam expectantes pela minha chegada. Quando um deles o D.P. decidiu sair gatinhado na direcção do M. mas deparou-se com o amigo não podendo fazer o mesmo que fez com os legos, tentou atravessar para o lado que pretendia mas com o amigo no seu caminho mas não consegui o que fez com que voltasse para a direcção contraria saindo do túnel.

Acção 5- acção sobre os legos e o túnel (dentro, fora e debaixo de...)

A C. gosta muito de fazer este jogo de tira e pôr e nesta actividade não foi excepção das primeiras coisas que ela fez foi espreitar para dentro do túnel e retirar os legos e de seguida colocá-los novamente no seu interior. Foi quando aproximei-me dela sentando-me ao lado dela e disse: - C. o que estás a fazer?... estas a colocar e tirar os legos do túnel é isso...e enquanto dizia isto ia exemplificando tal como ela fez. Ela ao ver não ligou mas veio aninhar-se no meu colo com a peça mão. Por conseguinte disse: C. dá a peça à Tina. Ela deu-me o lego e escondi a peça debaixo da minha bata tendo ela presenciado o gesto de esconder. E disse-lhe: oh! A peça? Onde está C.? Ela ia dirigir-se para a minha bata. E eu disse: - Está debaixo da minha bata? Vamos ver? Ooooh... e muito devagar vou levantado a bata... ooooh...e é quando aparece a peça eu digo: - Ah! Está aqui! Devolvo -lhe a peça, e é quando ela coloca novamente debaixo da bata e eu disse-lhe: Estás a esconder lego debaixo da bata Tina? Ela dirige-se para bata e tira o lego rindo-se da situação.

Planeamento da actividade 2 : Vamos à caça dos objectos perdidos

Data: 3 de junho de 2015

Nome da acção: Vamos à caça dos objectos perdidos

Idade: Dos 8 aos 18 meses

Recursos:

Humanos: 4 Adultos 11 Crianças

Materiais para a actividade: caixas de vários tamanhos, legos, rolos e bolas.

Materiais para o relaxamento: aparelho de som, lençóis, tapete

Físicos: Sala de actividades

Intencionalidade Pedagógica: Através da descoberta e da experiência aliada à curiosidade eles conseguissem explorar o espaço e os objectos e com isso proporcionar-lhes uma organização espacial

Objectivos:

1. Experimentar diferentes sensações;
2. Despertar a curiosidade;
3. Capacitar a mobilização no espaço através da actividade motora;
4. Proporcionar um momento lúdico e de descoberta;
5. Desenvolver o seu sentido de espaço;
6. Experimentar e descobrir através do objecto novas formas de deslocar-se
7. Proporcionar segurança e confiança durante as suas conquistas

Organização do tempo: a actividade será no dia 3 de Junho de 2015, ocorrerá no período da manhã e terá uma duração de uma hora aproximadamente, tendo sempre em conta o estado emocional das crianças.

Organização do espaço: a actividade por ser de expressão motora faz com que os materiais existentes na sala sejam retirados. Por sua vez é colocado o material que correspondente à actividade, expondo-se da seguinte forma: o tapete é encostado à parede contrária do espelho. Por sua vez as caixas fechadas com os respectivos materiais no seu interior são expostas uma fica em frente ao tapete, outra fica do lado das janelas e outra ao pé da porta, formando uma semi-lua.

Planeamento:

1º- Retira-se o material amovível da sala, mantendo o tapete;

2º- Preparo a sala de actividades colocando as caixas com os respectivos materiais (legos, bolas e rolos de papel)no seu interior fechadas.

3º Cantamos a canção que os indica que é para sentar no tapete, após isso cantamos os bons dias;

4º- Após isso sento-me e falo com eles introduzindo o que vamos fazer, incentivando-os a explorar o que lhes rodeia.

5º- Durante este momento de exploração do espaço, enalteçemos e valorizamos as descobertas juntamo-nos a eles nas brincadeiras.

6º- Passado o tempo de exploração da actividade, pedimos ajuda para arrumar os legos os rolos de papel e as bolas, verbalizando termos que os orientem tais como, “vamos colocar dentro da caixa”.

7º- Esta actividade termina com um momento de relaxamento, preparamos o ambiente deixando a meia luz, as crianças deitam-se todas no tapete com a música calma (a habitual do relaxamento) de seguida dois adultos com o lençol vão passando por cima

das crianças, ao mesmo tempo adulto vai falando ou reproduzindo sons relaxantes, e no final da música, de um modo suave, deixa-se cair os lençóis por cima das crianças.

Descrição

Quando coloquei as caixas na sala de actividade a reacção das crianças foi de curiosidade, a atenção ficou virada para as caixas que se encontravam dispostas no seu ângulo de visão. Quando pedi à estagiária Mafalda que cantasse os bons dias, acompanhando-a com os gestos habituais. Terminado esse momento iniciei uma conversa com eles despertando neles a vontade de descobrir o que se encontrava à sua volta. Dizendo: Oh vocês já repararam que temos estas caixas na sala o que será que têm dentro? A Tina vai espreitar... Dirigi-me para uma caixa e disse: Oh a caixa está fechada, será que tem alguma coisa dentro da caixa... Vou abrir...ooooh e espreito e faço uma expressão de curiosidade e de contente por aquilo que vi... e pergunto vamos ver se eu abanar a caixa se faz barulho, abano e não faz, e digo: - oh não faz barulho... O que será que está dentro da caixa?... Ao passar pelas outras duas repito o que fiz nas outras. Mas com a diferença que quando agito as caixas, elas reproduzem barulho a do meio tem uma som mais intermédio e a ultima tem um som forte e alto, o que provoca neles um maior entusiasmo. Eles durante este momento ficaram todos muito atentos ao que se estava a passar e sempre que eu fazia uma expressão de espanto ou de alegria eles acompanhavam-me rindo-se da minha expressão e atitude.

Após isso chamei-os para virem ver também o que estava dentro de cada caixa, a reacção foi imediata levantaram-se e dirigiram-se para as caixas a primeira atitude foi abrir a caixa e espreitar ao que lá dentro se encontrava.

No primeiro momento juntei-me a quem estava na caixa com as bolas, dizendo: - oh tantas bolas dentro da caixa? E o G.T. começou a tirá-las da caixa e eu disse: - G.T. estas a tirar as bolas? Vamos ajudar o G.T..... com isto os outro e através de uma

incentivo começaram a colocar para fora as bolas. Depois através do V. que coloca a bola dentro da caixa e depois espreita e eu digo: - V. estás a colocar novamente a bola dentro da caixa, Boa! - Vamos buscar mais bolas, para colocar na caixa. Juntamente com eles fomos buscar mais bolas enchendo a caixa de bolas, eu disse: - Não cabe mais bolas está cheio vamos ver se conseguimos fechar ao qual eu digo: - Oh! Não dá...está muito cheio, temos que tirar algumas bolas para pudermos fechar. Eu retiro conseguindo fechar, dizendo: - Já está! Eles durante este processo não tiram os olhos daquilo que estava acontecer. Feito isto afasto-me uns centímetros para ver que acontece. Eles voltam a abrir e a retirar todas as bolas fechando de seguida a caixa. Mas depois voltam a abrir e voltam a colocar novamente a bola no interior da caixa. Este processo acontece também nas outras caixas com os outros objectos.

As crianças mais pequenas para conseguirem chegar ao que pretendia derrubaram a caixa para alcançarem o que pretendiam foi o caso da C. que tanto mexer na caixa conseguiu derrubá-la conseguindo alcançar o que pretendia. Os tão desejados legos. A caixa que continha os rolos despertou neles muita curiosidade fazendo com que daí despertasse vontade e descobrir o objecto. A L. depois de muito mexer e de o observar enfiou o rolo pela mão fazendo uma pulseira, ao qual falei com ela dizendo: - Boa L. arranjaste uma pulseira muito bem!

Por sua vez D.P. e o V. encontravam –se muito compenetrados a tentar solucionar uma problema o de enfiar um rolo dentro do outro, depois de muitas tentativas conseguiram e enfiar(esta iniciativa partiu deles ninguém mostrou ou explicou). Conseguindo resolver este problema eu fiz uma grande festa exaltando a conquista dizendo : Muito bem conseguiram enfiar um rolo dentro de outro rolo!

Outra brincadeira que surgiu foi de colocarem-se dentro da caixa fechando a caixa. Este caso aconteceu com o M. que ao enfiar-se dentro da caixa fechou a caixa ficando com

os pés de fora. Quando a Beta começou uma brincadeira com ele de perguntar onde está o M.? Não está cá? E ele conforme ia-se chamando por ele, abria e fechava a caixa.

E a beta ai dizendo: - oh o M. não está cá fechou a caixa... ah não está aqui voltou a abrir a caixa.

E a partir dai e já por imitação e pela experiencia a C. fez o mesmo que o M. mas na fechou, o que se fez foi a brincadeira do cu-cu. Anteriormente a C. tinha estado uma brincadeira de abrir e fechar a caixa, ao qual nós dissemos: C. estas a abrir e a fechar a caixa? Introduzindo uma brincadeira a de quando ela abria dizemos: - cu-cu legos, quando ela fechava dizíamos: - oh! Onde está os legos? Está brincadeira despertou nela uma boa disposição e entusiasmo.

O D.P. também agradou a brincadeira de enfiar-se dentro da caixa, ele no interior da caixa não limitou a estar dentro observou o espaço tocando na caixa. A nossa intervenção foi de apenas dizer: - Oh D.P. estás sentado dentro da caixa! De seguida o M. foi tentar sentar ao lado do D.P. ajeitando-se lá consegui mas com algum desagrado por parte do D.P. que não gostou de ser incomodado permaneceram-se alguns segundos lado a lado foi quando dissemos: - Olha o D.P. M. estão dentro da caixa sentados?. Mas de seguida o M levantou-se para sair tendo a ajuda do amigo que não estava nada satisfeito da sua presença.

O fim da actividade começa quando a pedimos ajuda para arrumar os objectos, ao qual só alguns ajudaram, terminada esta tarefa, pedimos que se deitassem no colchão para fazermos o relaxamento, dois adultos deitaram-se e os outros dois terminaram de deitar os que faltavam estando todos deitados demos inicio à música e com o apoio dos lençóis começamos a fazer o relaxamento passando por cima deles os lençóis de um modo suave o relaxamento terminou quando a musica chega ao fim

Planeamento da actividade 3:

Data : 4 de junho de 2015

Nome da acção: Vamos à quinta do tio Manuel com a história “Muuu o senhor croc e os animais”

Idade: Dos 8 aos 18 meses

Recursos:

Humanos: 4 Adultos 11 Crianças

Materiais para a actividade: 2 lençóis, corda, livro, fantoches

Físicos: Exterior - no parque

Intencionalidade Pedagógica: que cada criança interiorize através da experiência outras possibilidades de espaço.

Objectivos:

1. Despertar a curiosidade;
2. Proporcionar um momento lúdico;
3. Desenvolver o seu sentido de espaço;
4. Proporcionar uma experiência diferente;
5. Sentir o espaço observando-o

Organização do tempo: a actividade será no dia 4 de Junho de 2015, ocorrerá no período da manhã e terá uma duração de 20 minutos aproximadamente, tendo sempre em conta o estado emocional das crianças.

Organização do espaço: Num dos cantos do parque monto uma tenda com os lençóis.

Planeamento:

1º- Organizamos os materiais do exterior, prendemos os lençóis formando uma tenda, depois colocamos dentro os fantoches escondidos num saco;

2º- Vamos buscar as crianças, dizendo que vamos visitar os animais da quinta do Tio Manuel. Cantando a canção do Tio Manuel (“Na quinta do tio Manuel ia, ia oooh...havia...”)

3º Ao chegarmos ao parque encaminhamos as crianças para baixo da tenda verbalizando que vamos para dentro da mesma;

4º- Após isso, já dentro da tenda todos sentados falo com eles introduzindo o que vamos fazer.

5º- Cantamos os bons dias e logo a seguir iniciamos a actividade de animação de leitura com o apoio de fantoches e conforme vai-se contando a história vais aparecendo o animal correspondente, interagindo com as crianças.

6º- Passado o tempo de animação de leitura convido-os a sair da tenda para irem brincar no parque.

Descrição

Esta actividade teve como principal foco a historia mas aliado a isso veio a experiência de estar dentro de uma tenda e era essa a minha real intenção de proporcionar um momento diferente num espaço diferente.

Quando chegamos ao parque duas crianças dirigiram-se para dentro da tenda olhando para cima e observando ao seu redor, pelo qual verbalizei: - O que estão a fazer ai dentro da tenda. Após isso chamei os outros: - Vamos para dentro da tenda do tio Manel, sentamos todos encostados à grade e já dentro da tenda eles observavam aquele espaço, que era novo, chamei a atenção que hoje estávamos num local diferente estávamos dentro duma tenda, - Hoje vamos ver quais os animesis do tio Manel que vão aparecer na quinta, e vocês já repararam que estamos num espaço diferente, estamos dentro da tenda do tio Manel. E observo.

Quando iniciei actividade de leitura disse-lhes que tinha uma coisa escondida debaixo da minha bata: - Sabem! Tenho aqui por baixo uma surpresa para vocês! Hoje vamos com a ajuda do Senhor Croc conhecer a quinta do tio Manel! E mostro o livro. Inicio a historia como senhor cavalo:

- iiih... e o senhor croc pergunta. que barulho é este?

- É um cavalo! Está a comer maçãs. Nham, nham.

-iiih.

- o senhor Croc pôs-se, e ouviu outro barulho, que fazia mééé... e perguntou que barulho é este? O barulho vem de trás deste portão! O que será?

- ah! É uma ovelha fofinha... e muito quentinha. Mééééé...Mééééé.

Esta actividade teve fim quando a história terminou. Após isso pedi para saírem da tenda para irmos para a nossa sala.

Planeamento da actividade 4 :

Data: 9 de junho de 2015

Nome da acção: Brincadeira sensorial ao ar livre.

Idade: Dos 8 aos 18 meses

Recursos:

Humanos: 4 Adultos 11 Crianças

Materiais para a actividade: caixa de areia, alguidar, copos de plástico resistente e transparentes, água, legos, tapetes, areia.

Físicos: Exterior- parque e parte exterior ao parque.

Intencionalidade Pedagógica: Através de um momento sensorial e motor que as crianças se sintam envolvidas, apropriando-se dos diferentes momentos, assimilando aprendizagens, criando hipóteses de exploração e criatividade espontâneas.

Objectivos:

1. Experimentar diferentes sensações e texturas;
2. Despertar a curiosidade;
3. Proporcionar um momento lúdico e de descoberta;
4. Despertar o sentido de observação
5. Desenvolver o seu sentido de espaço;
6. Proporcionar segurança e confiança durante as suas conquistas

Organização do tempo: a actividade será no dia 9 de Junho de 2015, ocorrerá no período da manhã e terá uma duração de uma hora aproximadamente, tendo sempre em conta o estado emocional das crianças.

Organização do espaço: a actividade irá se realizar na parte exterior do parque, junto á árvore aproveitando a sombra existente. Os materiais irão estar expostos da seguinte forma: a caixa de areia ao lado do alguidar com água, por baixo de cada respectivo estará um tapete.

Planeamento:

1º- Preparo o espaço antes que as crianças cheguem ao parque.

2º- Dirigimo-nos para o parque onde primeiramente brincamos depois sentamo-nos e cantamos os bons dias.

3º Após isso, falo com eles introduzindo o que vamos fazer, incentivando-os a ir explorar e a experimentar.

4º- Com isto início a actividade com dois dirigindo-me com duas crianças para a caixa de areia. Com o alguidar com água optaremos por ser apenas uma criança.

Descrição

Esta actividade teve vários momentos significativos que vieram demonstrar que as actividades sensoriais são fonte de satisfação e interesse.

Passo a enumera-los e a descrever cada momento

1. Sentiram a areia, abriam e fechavam a mão sentindo a areia a escapar entre os lados.

Este momento as crianças ao mexerem na areia apanhavam areia e de seguida abriam e fechavam a mão e a partir daí observavam a areia a cair. Ao qual eu disse: Estas a abrir e a fechar a mão? A Tina também vai fazer! Mas com a variante de ter acrescentado a ideia de subir e descer a mão ao qual verbalizei: - Olha a Tina sobe e desce (enquanto fazia a areia ia caindo) oh já não tenho mais areia (mostrei a mão vazia) vou buscar mais.

2. Colocaram areia para dentro e fora da caixa.

Durante este momento as crianças tiveram logo o instinto de tirar para fora areia, ao qual verbalizei: - estas a colocar para fora da caixa areia. Via-se que este era uma atitude que lhes agradava pois fizeram-no varias vezes ao longo da brincadeira. O processo inverso desta dinâmica também foi experienciado, o de colocar areia para dentro da caixa. Não faziam-no de um modo coordenado mas tinha essa iniciativa.

3. Encheram e esvaziaram areia para os copos

Esta acção de decorreu através de uma brincadeira iniciada por mim. Ao brincarmos com areia e com os copos eu enchi o copo de areia verbalizando: - olha L. estou a encher com areia o copo, ela por sua vez pegou no copo que eu tinha enchido e e esvaziou. Ao qual eu disse: - Oh ficou vazio! Vamos encher de novo! Agarrei noutro copo enchi com areia e disse: - Toma L. agarra, enche tu. ela ainda de modo desajeitado tentou colocar areia dentro do outro copo, ao qual obtive da minha parte um festejo, dizendo-lhe:- Muito bem L. encheste o copo com areia!

Este processo de esvaziar e encher ainda se repetiu algumas vezes conseguindo aperfeiçoar a sua coordenação de acertar dentro.

4. Percorriam com o dedo ou com o copo pela caixa de areia.

Ao explorarem a caixa de areia uma das sensações, foi de com o próprio dedo traçarem caminhos percorrendo o dedo pela caixa. A minha intervenção foi: - Estás a desenhar com dedo. Após isso juntei-me a eles fazendo o mesmo.

No alguidar com água a experiência foi de chapinhar e de sentir a água mexendo na água de colocar a mão por baixo da água permanecendo no fundo, depois levantava a mão repetindo este gesto. Ao introduzir nesta brincadeira os copos optei por uma dinâmica de encher o copo com água. Ao qual disse: - Vou encher com agua o copo e subo o copo e despejo a água, fando o efeito de cascata, eles por sua vez tentam agarrar a água, ou permanecem com a mão por baixo da água.

Anexo 2 – Notas de campo

NOTA DE CAMPO nº1	
Nome da criança: M.H. (12 MESES) Dezembro de 2014 Local: sala de actividades	
Descrição	Inferências
<p>Encontrávamo-nos num momento de brincadeira livre e a M. foi aventurar –se para a piscina de bolas, tentando entrar para dentro da piscina.</p> <p>A estagiária: - M, queres entra para dentro da piscina? Ela riu-se... deixei que ela tentasse entrar sozinha, e depois de várias tentativas conseguiu. Logo após a conquista disse-lhe: - Muito bem M!</p> <p>Conseguiste entrar para dentro da piscina. Fiz uma grande festa enaltecendo a sua conquista. O que fez com que saísse e voltasse a entrar mais que duas vezes sempre aguardando o meu incentivo. E enquanto ela entrava e saia eu ia falando com ela dizendo: - M., estás a sair para fora da piscina... estas a entrar para dentro da piscina, muito bem...</p> <p>E depois de ter sentido que não queria mais brincar ao entra e sai da piscina,</p>	<p>Será que foi o colorido das bolas da piscina que captou a atenção das crianças?</p> <p>Será que o facto de a ter incentivado permitiu um maior exploração do objecto?</p>

<p>dirigiu-se a mim, abraçando –me as pernas ao qual eu abaixei dando outro abraço e disse: - Que bom um abracinho! E já a olhar para ela disse: Tiveste muito bem a entrar e a sair da piscina.</p>	
--	--

Comentários

--

NOTA DE CAMPO nº2	
<p>Nome da criança: M.C. (12 meses) Dezembro de 2014 Local: Sala de actividades</p>	
Descrição	Inferências
<p>Da parte da manhã num momento de brincadeira livre encontrava-me sentada a brincar com o M. e durante essa partilha coloquei em cima da cabeça do M. um copo verbalizando-o: - M a Tina vai colocar-te o copo em cima da tua cabeça. O copo caiu e o M. não ligou foi ter com os outros amigos que se encontravam junto da Xana a empilhar algumas peças. Mas passado algum tempo e por iniciativa própria pegou num copo e dirigiu-se a mim colocando-o em cima da minha cabeça. Eu demonstrei aprovação no acto dizendo –lhe, - Muito bem M. vieste colocar em cima da minha cabeça o copo . o copo cai da minha cabeça e eu peço para ele ir colocar em cima da cabeça da Xana e o M. Martim desloca-se até á Xana e coloca-lhe o copo em cima da cabeça e nós dizemos:</p>	<p>Será que a acção exercida sobre o objecto fez com que assimilá-se e depois reproduzisse não só em si mas também nos outros?</p> <p>Será que a acção ajudou o M. a captar a ideia de em cima de...?</p> <p>Será que ao colocar o copo em cima da cabeça dos amigos, fez com que fosse adquirindo a noção do seu corpo?</p> <p>Será que esta tentativa de colocar o copo na cabeça dos outros amigos, fez com que conquistasse para si que um gesto poderá ser repetido?</p>

<p>- Muito bem. O copo cai, ele apanha e agora sem qualquer tipo de indicação e vai colocar o copo em cima da cabeça da maioria dos amigos. E nos verbalizamos estas a colocar o copo em cima da cabeça dos amigos? Muito bem!</p>	
Comentários	

NOTA DE CAMPO nº3	
Nome da criança: M.C. (18 MESES) Junho de 2015 Local: espaço de refeição e sala de actividades	
Descrição	Inferências
<p>No tempo de brincadeira livre o Martim encontrava-se a passear entre a sala de actividades o espaço de refeição.</p> <p>Visto que o que separa estes dois espaços é uma parede onde nas suas extremidades tem duas portas abertas.</p> <p>Durante esta brincadeira ou experiência na área de refeição o M. encontrou uma peça com uma forma circular, olhou para ela, e andou pelo espaço de refeição com um olhar atento.</p> <p>Com a peça na mão iniciou a sua exploração pelo espaço de refeição.</p> <p>Abriu o armário e eu disse: - estas abrir o armário M., quando reparei que estava com a mão no puxador da porta e a outra que tinha a peça estava dentro do armário</p>	<p>Será que a possibilidade de explorar os diferentes espaços, cria na criança, noções de espaço e posteriormente a sua diferenciação?</p> <p>Será que a possibilidade de poder circular por difentes espaços abre caminhos para novas descobertas do espaço e dos objectos?</p>

e eu disse: - Estas a colocar a peça dentro do armário isso Martim ele riu-se tirou o braço fechou a porta. De seguida tentou encaixá-la nos puxadors ao qual eu disse:

- Martim aí não dá a peça é pequena.

Ao não conseguir encaixar dirigiu-se para debaixo da cadeira de refeição, com isso começou a tentar encaixar a peça nos buracos existentes dirigi-me ao pé dele e disse: M. estás a fazer aqui debaixo, estas a colocar a peça dentro dos buracos.

Não teve qualquer tipo de reação permanecendo a colocar as peça nos buracos existentes. Afastei –me para deixar que ele explorasse como desejava entretanto saiu debaixo da cadeira de refeição e dirigiu-se para a tomada que se encontrava do local que ele encontrava-se anteriormente, e foi ao tentar encaixar a peça redonda no orificio da tomada que por sua vez é redonda, consegui encaixar ao ver isto bateu palminhas, demonstrando satisfação foi quando dirigi-me para junto dele e disse:

<p>- Oh! Essa peça encaixa aí, mas ela não é daí M. é do carrinho...</p> <p>Vamos tirar a peça daí de dentro , M.</p> <p>Já com a peça na mão, pedi a peça e coloquei no carro. Dei-lhe o carro e foi com ele para a sala de actividades.</p>	
Comentários	

NOTA DE CAMPO nº4	
Nome da criança: G. (16 MESES) Junho de 2015 Local: espaço de higiene (wc)	
Descrição	Inferências
<p>No momento da rotina de higiene, após o almoço, chegou a vez de mudar a fralda do G., chamei-o: - Oh G. é a tua vez... vamos tirar a fralda, e colocar uma limpa.</p> <p>Anda. (ele encontrava-se na sala de actividades a brincar) ainda esperei mas enquanto ele não vinha fui desinfectar a banca das mudas. Entretanto ele aparece, e fala comigo apontando para aa banca da muda dizendo: - a...a...a...bbb! Apontando para a banca. E eu respondo: - sim vens para aqui para cima para tirar a fralda suja e colocar a fralda limpa. Upa... já está.</p> <p>Coloco a luva e sinto o cheiro a cócó, Ao qual digo: - Uuuuh ... fizeste cócó G.</p> <p>Ele aponta para a fralda e eu digo: - Sim, G. tens cócó aí dentro ... vamos ver, deixa cá abrir a fralda para te limpar.</p> <p>- Ena pá... que grande cócó.</p> <p>Automaticamente o G. levantou as pernas e eu disse: Muito bem a levantar as pernas para eu te limpar.</p>	<p>Serão as rotinas uma fonte de orientação no espaço?</p>

<p>Enquanto limpo o cocó vou falando com ele .</p> <p>G. fizeste este grande cocó porque comes sempre tudo, agora vou limpar para te sentires limpinho e confortável, a Tina vai buscar os toalhetes e já está.</p> <p>Agora vou colocar-te a fralda nesse rabiosque.</p> <p>- Já está, pronto para dormir mas ainda falta lavar a boca. Aponto para a boca. Dirijo a minha mão para a torneira e quando direciono a minha mão para a boca do G. ele abre a boca e eu digo fecha a boca e fecha e eu limpo a cara, e seco com a folha de papel .</p>	
Comentários	

NOTA DE CAMPO nº5	
<p>Nome da criança: G. (17 MESES) Julho de 2015 Local: espaço de refeição</p>	
Descrição	Inferências
<p>Encontrávamo-nos todos no espaço de refeição e eu tinha acabado de dar água a todos, quando uma tampa de um biberão cai e vai parar debaixo das cadeiras empilhadas, quando abaixei-me para apanhar o G. acompanha-me do gesto de abaixar. E foi a partir daí que surgiu a brincadeira.</p> <p>Quando vi o G. em baixo do outro lado das cadeiras a espreitar-me disse: - Cu-cu G. ele riu-se, de seguida, voltei a subir e disse: - Cu-cu G., acompanhou o meu movimento e subiu também, reproduzindo uma expressão de satisfação. Quando abaixei pela segunda vez e disse cu-cu G., ele não se abaixou de imediato permaneceu em cima, foi quando disse: -Aqui em baixo G. cu-cu!</p> <p>De seguida ele abaixa-se e ri-se. Esta brincadeira prosseguiu mas introduzindo</p>	<p>Será a experiência uma fonte de aprendizagem?</p> <p>Será a imitação uma fonte de projecção de conhecimento.?</p> <p>Será que as relações são impulsionadoras para o crescimento cognitivo?</p> <p>Será que o diálogo ajuda-nos a situarmo-nos no espaço?</p>

<p>os termos «para cima cu-cu» e «para baixo cu-cu» a partir daqui e com uma expressão de entusiasmo seguiu sempre os meus movimentos.</p>	
<p>Comentários</p>	

NOTA DE CAMPO nº6	
<p>Nome da criança: M.C. (18 MESES) Julho de 2015 Local: espaço de higiene(WC)</p>	
Descrição	Inferências
<p>No momento em que fui medir a febre ao M, pois ele tinha tomado uma vacina no dia anterior e por uma questão de vigilância em relação ao recado recebido que tínhamos que estar atentas , chamei-o: M. anda vamos se tens febre!</p> <p>Ele como é habitual dirige-se até nos com um sorriso. Mas ainda sem ver o termómetro algo que ele não gosta.</p> <p>- Upa... cá para cima, boa! Vamos deitar, ok. Agora a Tina vai ver se tens febre.</p> <p>É quando ele avista o termómetro e começa a contorcer-se e a choramingar.</p> <p>Nesse momento afasto o medidor e colocando a mão em cima do peito, olho para ele dizendo: Calma M. vá Toma a caixinha...</p> <p>Ele recebe a caixinha do termómetro e acalma-se por instantes, inicia uma exploração do objecto.</p>	

<p>Enquanto isso consigo introduzir o termómetro. Sem ele reagir negativamente. Já com a febre medida inicio a higiene do M.</p> <p>O M. após isso continuou a abrir e fechar a tampa. Ao qual eu disse: - estás a abrir e fechar o caixinha M. muito bem!</p> <p>E ele verbaliza dizendo: - é...é...!</p> <p>De seguida num gesto espontâneo soprou para dentro da caixinha. Reagi dizendo: - sopras-te lá para dentro. Em seguida volta a fechar e sopra. Ao qual eu digo: - tens que abrir para soprar lá para dentro.</p> <p>É quando abre e sopra várias vezes lá para dentro. Mas repete processo de soprar com a caixinha fechada.</p>	
Comentários	

É através da via emocional que a criança apreende o mundo exterior

Santos(2009)